ARISTELSON GOMES DOS SANTOS

A BUSCA DAS IDENTIDADES DOS PERSONAGENS EM: "TOADA DO ESQUECIDO" E *OS SEMELHANTES* DE RICARDO GUILHERME DICKE

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Profª. Drª. Madalena Machado

PONTES E LACERDA-MT
DEZEMBRO 2013/2

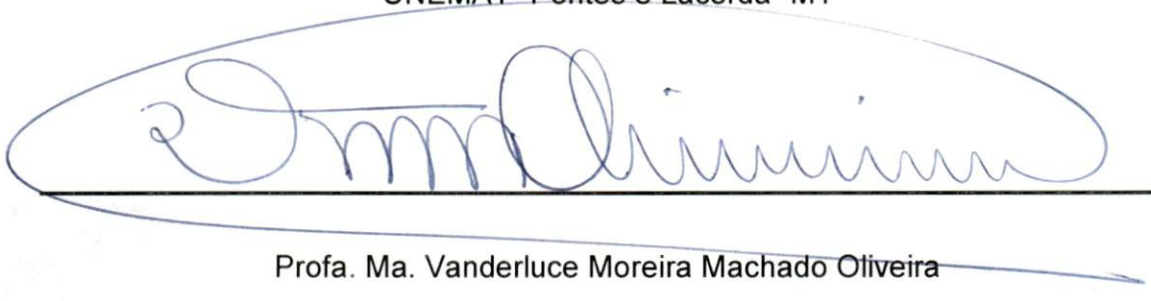
ARISTELSON GOMES DOS SANTOS

A BUSCA DAS IDENTIDADES DOS PERSONAGENS EM: "TOADA DO ESQUECIDO" E *OS SEMELHANTES* DE RICARDO GUILHERME DICKE

Monografia apresentada a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Madalena Machado
Orientadora
UNEMAT- Pontes e Lacerda- MT



Profa. Ma. Vanderluce Moreira Machado Oliveira
IFMT- Pontes e Lacerda

Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Junior
UNEMAT- Pontes e Lacerda- MT

Dedico este trabalho ao meu querido pai Ariston, a minha querida mãe Gelciana e aos meus queridos irmãos Arilton, Arislane e Aristácio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor meu Deus, que me deu motivação, inteligência e fortalecimento para que eu pudesse trilhar nesse caminho do saber cheio de aventuras, mas revelador de conhecimentos que levarei para o resto de minha vida. A Ele, agradeço infinitamente!

Quero também expressar a minha gratidão à minha família por ser o meu porto seguro de todos os momentos. Agradeço ao meu querido pai Ariston, por ter me ensinado com tanto amor, sabedoria e humildade, os valores éticos e morais, que jamais deixarei de lado esses princípios. Foi ele que me ensinou a lutar e a correr atrás de meus sonhos, sem nunca desistir, por mais que sejam difíceis. Agradeço à minha querida mãe Gelciana, por ter cuidado de mim com tanto carinho e afeto, pelas preocupações, pelos conselhos, pelas orientações e pelo desejo de sempre me ver um vencedor. Vocês são as jóias que Deus colocou em minha vida! Agradeço aos meus queridos irmãos Arilton e Aristácio, pelo apoio e companheirismo, e a minha querida irmã Arislane que sempre torceu pelo meu sucesso. São com vocês, que eu aprendi a dar os meus primeiros passos dentro da sociedade, pois é na família que todo ser humano começa aprender a viver em sociedade. A vocês deixo os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também aos meus amigos de sala de aula: Mizael meu parceiro de viagem, Renata, Raquel, Solange, Lusiane, Maraline, Mauricio, Hailton e Michele. Com vocês aprendi muitas coisas. Na verdade, posso considerar vocês como uma parte de minha família. Pois, foram quatro anos de muitas conquistas, mas também de muitas lutas, e sei que em cada uma delas vocês estiveram presentes. Agradeço a Deus por ter estudado com uma galera tão unida como esta. O individualismo não fazia parte de nosso vocabulário. A vocês desejo: "Money no bolso, saúde e sucesso!"

Externo os meus sinceros agradecimentos à minha orientadora Profª. Drª. Madalena Machado, pelo empenho, credibilidade e pelas orientações precisas em todos os momentos solicitados e por ter me instigado a trilhar pelos caminhos da Literatura. A frase: "Aristelson, você tem talento para a Literatura, invista", escrita

por você na primeira avaliação que eu fiz, nos Textos Fundamentais de Literatura I, me marcou muito, e fez nascer o desejo em mim de enveredar por esta área tão fascinante. A você, deixo os meus agradecimentos com afeto e carinho!

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha história acadêmica, ao longo desses quatro anos. Sem vocês nada disso teria acontecido. Em nome do Prof. Dr. Helvio Moraes, do Prof. Dr. José Leonildo Lima e da Profª. Drª. Madalena Machado, externo os meus sinceros agradecimentos a essas pessoas que fizeram parte da construção do nosso conhecimento científico, para que hoje pudéssemos alcançar essa grande conquista.

Fica aqui o meu muito obrigado a todos!!!

É trágica a verdadeira condição do homem: fechado em si mesmo incomunicavelmente, nada pode dizer de si, de seu mais íntimo, daquilo que se lhe passa no âmago, porque ninguém o entenderá se o disser, até que a morte chegue: só aqui e agora nós entendemos...

(Ricardo Guilherme Dicke)

RESUMO

O escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, se destaca no cenário literário por ter uma escrita que serve hoje, como referência de boas leituras considerada pelos leitores exigentes e pela crítica literária. Sendo assim, escolhemos trabalhar com duas obras, o conto "Toada do Esquecido" e o romance *Os semelhantes,* com o objetivo de compreender a busca das identidades dos personagens dessas duas obras. Ao longo de nosso trabalho, essas obras serão analisadas sob a ótica de alguns teóricos que discutem as questões das identidades na modernidade e na pós-modernidade. Nossos objetivos são: Identificar as semelhanças entre as duas obras escolhidas para discussão desse trabalho; discutir aspectos sobre a busca das identidades dos personagens dickeanos; compreender como é trabalhada a questão das identidades na modernidade e pós-modernidade; estabelecer em que medida o espaço transitado pelos personagens contribui para formação, ou construção de suas identidades e entender a visão e posição dos personagens em relação ao mundo, e quais implicações deste àqueles. Esse levantamento é em busca de compreender o funcionamento e o comportamento do homem na pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades, modernidade e pós-modernidade, personagens, Ricardo Dicke.

ABSTRACT

The Mato Grosso writer Ricardo William Dicke , stands out in the literary scene for having written that today serves as a benchmark of good readings considered by discerning readers and literary criticism. Thus , we chose to work with two works , the short story " Toada the Forgotten " and the novel The similar , with the goal of understanding the search for the identities of the characters of these two works . Throughout our work , these two works will be analyzed from the perspective of some theorists who discuss issues of identity in modernity and postmodernity . Our goals are to : Identify the similarities between the two works selected for discussion of this work , to discuss aspects of the search for identities of dickeanos characters ; understand how crafted the question of identity in modernity and postmodernity ; establish to what extent the space transited the characters contribute to the formation or construction of their identities and understand the vision and position of characters from the world , and what implications of those . This survey is seeking to understand the functioning and behavior of man in postmodernity.

KEYWORDS : Identity , modernity and postmodernity , characters , Ricardo Dicke .

SUMÁRIO

INTRODUÇAO.....11

CAPÍTULO I – OS EMARANHADOS DA VIDA ENTRE: "TOADA DO ESQUECIDO" E *OS SEMELHANTES* 14

CAPÍTULO II – AS INQUIETUDES DE SERES FICCIONAIS COMO ALEGORIA DO HOMEM PÓS-MODERNO.....29

CAPÍTULO III – O ESPAÇO MATO-GROSSENSE NUMA DUALIDADE COM O ESPAÇO ÍNTIMO DE PERSONAGENS FRAGMENTADAS.....50

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....66

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....68

Introdução

Nossa proposta neste trabalho é dar um contributo para o conhecimento e divulgação da obra do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008). Nascido em Chapada dos Guimarães - Mato Grosso, o escritor deixou obras respeitadas por intelectuais como: Guimarães Rosa e Hilda Hilst por exemplo, mas ao mesmo tempo ignorada pelas grandes editoras e, por extensão, pelo leitor. Filho de garimpeiro, morou e andou por várias regiões de Mato Grosso tornando-se conhecedor nato da vida simples e causticante dos garimpos e do sertão mato-grossense. Ricardo Dicke se mostra muito à vontade, em todas as suas obras, para falar desse Estado tão rico em belezas naturais, bem como dos desbravadores desta região do Brasil.

Tomamos, como recorte para nosso trabalho, o livro *Toada do Esquecido e Sinfônia Eqüestre* (2006), e o romance *Os semelhantes* (2011), escrito por volta de 1970, ambas as obras foram publicadas pela editora Carlini & Caniato Editorial e Cathedral Publicações. Escolhemos trabalhar com esse autor por ser, sem dúvida, um dos grandes prosadores do Brasil contemporâneo, além disso, suas obras trazem, para discussão, uma série de fatores que envolvem a vida do homem inserido dentro do contexto atual. Sendo assim, nosso estudo centra-se em discutir em quais circunstâncias ambas as obras se assemelham, para discutirmos sobre a busca de identidades nas personagens dickeanas lançadas num ambiente penoso, no qual são travadas intensas lutas internas por seres ficcionais fragilizados em busca de um entendimento sobre si e sobre o mundo que os cercam. Estabelecemos como fio condutor de nosso trabalho a busca de identidades em seres ficcionais abertos à vivência apontada.

Ao trazermos para este trabalho um autor mato-grossense, não queremos restringir nosso estudo em discutir, apenas, sobre uma literatura regionalista. Na verdade, a literatura de Ricardo Guilherme Dicke é uma literatura brasileira produzida em Mato Grosso, desse modo, não é uma literatura que fica presa pelas correntes geográficas de um espaço delimitado. A literatura de Ricardo Dicke rompe com as fronteiras geográficas, para discutir sobre as lutas internas do homem universal cheio de suas dúvidas e inquietações. São por tais

razões que resolvemos trabalhar com estas duas obras, em busca de compreender os emaranhados da vida interna das personagens dickeanas que dialogam com a vivência enclausurada do homem na pós-modernidade. Nesse caso, resolvemos estudar o escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2008), por ser um grande nome da literatura contemporânea que aborda, em suas obras, questões que envolvem a vivência do "homem comum", com suas múltiplas indagações sobre si e sobre tudo. Por estas razões que esse trabalho se apresenta como relevante, por mostrar as potencialidades literárias do Estado de Mato Grosso e apresentando ao público acadêmico e pesquisador de forma geral, possibilidades de compreensão da literatura.

A fim de investigar a forma como são trabalhadas as questões de busca das identidades em personagens marcadas pelos seus conflitos, procuramos ressaltar a importância que essas figuras exercem na narrativa dickeana ao intermediarem problemas que desencadeiam um processo cíclico de desamparo, angústia e morte. Para conhecermos o desvelar dessas tramas, organizamos nosso trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo procuramos identificar as semelhanças entre as duas obras escolhidas. Nesse caso, fizemos uma breve descrição do conto "Toada do Esquecido" e do romance *Os semelhantes* para detectarmos em que medida ambas as obras mantinham um diálogo entre si. Assim, percebemos que o fio que liga as obras está no enclausuramento dos personagens frente aos seus sentimentos de culpa, dúvida, medo, raiva e vingança. As ações ocorrem dentro de um espaço marcado, que são os garimpos de ouro e diamantes situados em regiões do Estado de Mato Grosso. De forma poética, o escritor trabalha com esse espaço brutalizado e devastado, para dizer da condição do homem vivendo enclausurado dentro de si, se sentindo consumido, assim como os campos e os garimpos eram consumidos pela devastação do homem.

No segundo, capítulo voltamos nossa atenção às personagens dickeanas para compreender a questão das identidades na contemporaneidade. Neste capítulo fizemos um percurso teórico, com estudiosos que estudam a questão das identidades na modernidade e na pós-modernidade, para entendermos como é o funcionamento de tais questões, para aplicá-las a nossa pesquisa. Ao estudarmos a questão das identidades, compreendemos que a modernidade e pós-

modernidade trouxeram profundas mudanças para a sociedade e, em meio a essas mudanças, o homem também sofreu com esses impactos. Sendo assim, o comportamento humano tem mudado ao longo dos últimos séculos, algo que tem deixado os indivíduos *fragmentados, deslocados e descentrados,* termos usados pelos estudiosos para designar a posição do sujeito na pós-modernidade. Por meio dessa compreensão, pudemos relacionar os personagens dickeanos dentro do contexto da pós-modernidade, pois suas personalidades se assemelham ao homem pós-moderno.

No último capítulo, fizemos um estudo para estabelecer em que medida o espaço (mato-grossense), transitado pelos personagens, contribui para formação, ou construção das identidades e, além disto, que relação o espaço, descrito nas obras, tem com a vida interiorizada desses seres ficcionais. Durante este capítulo, descrevemos sobre a vastidão dos campos secos, carbonizados e Esquecido de "Toada do Esquecido", como uma configuração da vida interior das personagens, consumidas pela dúvida, pelo silêncio, pela dor e pelo medo, numa viagem circular cercada de mistérios e surpresas. Do mesmo modo, o espaço transitado pelas personagens em *Os semelhantes*, se apresenta como figura da vida interiorizada dos seres ficcionais envoltos pela subjetividade e debatendo-se na lama da angústia, num contexto também regional. Dentro desse espaço a individualidade passa a fazer parte da vida desses sujeitos, que precisam lutar pela sobrevivência, bem como para se libertar de suas angústias interiores.

CAPÍTULO I - OS EMARANHADOS DA VIDA ENTRE: "TOADA DO ESQUECIDO" E *OS SEMELHANTES*

Neste Trabalho de Conclusão de Curso discutiremos alguns aspectos da Literatura Contemporânea, baseando-nos em duas obras do autor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke (1936 – 2008). Tomamos, como recorte para nosso trabalho, o livro *Toada do Esquecido e Sinfonia Eqüestre* (2006), e o romance *Os semelhantes* (2011), escritos por volta de 1970, ambas as obras foram publicadas pela editora Carlini & Caniato Editorial e Cathedral Publicações. Escolhemos trabalhar com esse autor por ser, sem dúvida, um dos grandes prosadores do Brasil contemporâneo, além disso, suas obras trazem, para discussão, uma série de fatores que envolvem a vida do homem inserido dentro do contexto atual. Estudar a Literatura Contemporânea é perpassar por obras literárias que carregam consigo uma série de fatores que envolvem o ser humano moderno cheio de indagações, frustrações e fragmentações. Para isto, trouxemos para nosso estudo essas duas obras que em sua configuração, enquadram personagens que carregam essas características. Estabelecemos como fio condutor de nossa pesquisa a busca da identidade em seres ficcionais abertos à vivência apontada.

A opção pelo estudo analítico destas duas obras: um conto e um romance de Ricardo Guilherme Dicke, decorrem da presença, nestas narrativas, dos conflitos do homem moderno no aprendizado da vida em busca de uma identidade. Neste caso, tanto o conto "Toada do Esquecido" como o romance *Os semelhantes* trazem, de forma intensa, a luta ou busca por identidades de personagens que estão lançados em um devir e ao mesmo tempo, obrigados a assumir um posicionamento diante da vida e, também, diante de um mundo cheio de controvérsias que vivem. A angústia, a perseguição, os desamores, a vingança e a individualidade são elementos que fazem parte da construção do enredo das duas obras como também de seus personagens e, por meio desses elementos, tais personagens praticam suas ações colocando em xeque alguns valores éticos e morais de uma sociedade. Estudar essas obras é, também, entender como a

sociedade moderna está se posicionando em relação aos valores éticos e morais que podiam ser pensados em uma sociedade tradicional, já que antes havia em sua essência a preservação desses princípios, enquanto na sociedade pós-moderna há uma maneira diferente de lidar com essas questões, pois estes processos enfrentam mudanças muito rápidas. Discutir isso é pensar a sociedade contemporânea multifacetada, cujas alterações são uma das características que ela carrega.

O conto "Toada do Esquecido" tem como enredo a história que narra a fuga e, ao mesmo tempo, uma viagem cheia de mistérios e um destino incerto a ser alcançado, de um grupo de ladrões mascarados que fogem após um tumulto, seguido de um assalto ao depósito do garimpo "O Esquecido", com localização no Estado de Rondônia. O grupo, após roubar o ouro que havia no depósito da empresa, segue em fuga para um rumo ignorado, passando pelo oeste do Estado de Mato Grosso, especificamente [Pontes e Lacerda, Vila Bela], seguindo pelos campos carbonizados, hórridos, secos e penumbrosos do sertão mato-grossense. O assalto ocorreu durante uma festa de carnaval no barracão de um circo que foi instalado nas dependências do garimpo após a polícia invadir o espaço. Com o tumulto, o bando foi até o depósito da empresa, cada um com uma fantasia da festa e roubou todo o ouro que havia armazenado naquele local, depois saíram em fuga numa Kombi velha, também roubada. É justamente com essa fuga que começam a ser narradas todas as mazelas e desatinos da vida dos personagens, que são submetidos a viver as agruras da vida solitária sertão adentro.

Pelo sertão o grupo, a princípio formado por quatro integrantes, O Cavaleiro, El Diablo, mestre Gepetto, Zabud o deus das moscas, mas agregado de mais dois componentes, Elpenor e Palinuro, num momento da viagem, seguem por estradas desertas, fugindo e se escondendo da perseguição da polícia e dos capangas da Madame El Sapo, a boliviana que era dona do garimpo "O Esquecido". Com a Kombi velha carregada de ouro, o grupo seguia pela estrada velha na companhia de um cachorro magérrimo chamado Tyger, um galo, dois porcos e o papagaio de El Diablo. Dentre esses animais, vale ressaltar que o papagaio tem uma função e uma presença muito marcante dentro do conto, pois são em suas repetitivas falas que encontramos elementos denunciadores sobre do mundo cheio de superficialidade que as pessoas vivem. É nesse caminho que

os personagens seguem sua sina de viajantes por lugares que colocam em jogo as suas próprias vidas sem terem a certeza de chegar ao destino que queriam isto pode ser comparada à saga acompanhada em *Madona dos Páramos*.

Com um narrador enigmático, pois não temos uma definição certa de quem narra os fatos, seguimos ao lado desse narrador acompanhando a saga tortuosa de personagens que carregam consigo a indefinição das máscaras, pois por meio de um pacto não podem tirá-las. Sendo assim, temos personagens indefinidos sendo narrados por um narrador que também deixa implícita sua identidade, em que em muitos momentos o leitor pode confundi-lo como um personagem. Isso porque a narração, em muitos momentos, é feita pelos personagens, principalmente com o Cavaleiro, figura que mais se destaca no conto. Essa transposição de voz ocorre de forma muito sutil e elaborada, além do mais, ao narrar os fatos, o narrador consegue transmitir ao leitor de uma forma tão perspicaz a imagem nítida do ambiente em que os personagens estão transitando. Ou seja, a narração dos fatos é feita como se estivesse mostrando a imagem da desolação dos campos como também da condição miserável e fétida dos personagens. Sobre estas questões veremos com mais profundidade nos próximos capítulos.

Sobre a condição que os personagens são submetidos, isto é algo de grande destaque dentro do conto, com passagens fortes que podem causar náuseas no leitor. Pois o narrador é bem categórico em mostrar como era a verdadeira condição daqueles indivíduos quando discute sobre o modo de vida daqueles seres lançados no esquecimento. Todos misturados, dentro de uma Kombi velha, vestidos com aquelas fantasias e comendo uma comida em péssimas condições, logo, qualquer problema de saúde poderia surgir. Nessas condições, a comida estragada que os indivíduos comeram, o calor insuportável do ambiente, lhes fizeram mal causando uma forte dor de barriga e, alguns, não conseguido se segurar, fazem suas necessidades na própria roupa, aumentando ainda mais o mal cheiro que acompanhava aqueles seres desnutridos dentro daquele cubículo da Kombi. Com essas descrições que mostram o extremo da condição miserável daqueles seres, o narrador tende a mostrar ao leitor como o ambiente percorrido pelos personagens do conto vai se configurando como uma forma de castigo e uma sina irremediável a todos eles.

No interior da Kombi, o grupo seguia viagem por lugares abandonados e esquecidos, acompanhados apenas pelas notícias que vinham de um rádio que havia no veículo. Essa intromissão das notícias do mundo exterior se configura numa imbricação cuja análise dos personagens prevê um mundo que não passa de "um mundo superficial e horrível". É também por meio dessas notícias que o grupo cria suas expectativas sobre o mundo que também reflete em suas vidas. As notícias vinham de todas as partes do mundo nos seus mais diversos idiomas, algo que parecia ininteligível, mas que, de certa forma, atribuía sentido à vida daqueles seres. As várias vozes expressas pelas rádios que são encontradas no *dial* do aparelho velho da Kombi fazem, também, uma inferência aos vários discursos proferidos que não carregam em si uma identidade própria que dê uma nitidez sobre quem é quem no meio de todos aqueles dizeres. É neste lugar que se dá o jogo das identidades que estão em formação tanto nos elementos que se juntam para dar volumosidade ao enredo como também aos personagens que o compõem.

O espaço transitado pelo bando é narrado como um ambiente de campos hórridos, secos e queimados algo que não reflete apenas a imagem de um micro local, mas esse espaço se configura em um espaço macro que engloba o mundo cheio de problemas. Essa descrição é algo muito repetido na narrativa, o que faz aumentar ainda mais a tensão e o sofrimento dos personagens lançados nesse ambiente sem vida. É neste lugar que todas as ações se desenvolvem, revelando as multifaces que os personagens mascarados carregam. O que se percebe é que tudo gira em torno do acabado, do velho e do devastado, podemos notar isto na própria condução de fuga do bando que era: uma Kombi velha caindo os pedaços, transitando por estradas velhas esburacadas e abandonadas. A devastação dos campos passa a configurar uma imagem que não reflete apenas aquele espaço, mas ao mesmo tempo envolve e engloba o mundo que passa a ser considerado como uma grande desolação, ou seja, aquele ambiente mostrado na obra funciona também como um protótipo do mundo vivenciado pelo ser humano moderno.

Dicke, ao introduzir neste conto um grupo de ladrões, cuja ação movedora das demais ações, ou seja, o fio condutor de todas as ações, é o assalto ao garimpo "O Esquecido", todos esses elementos carregam consigo a

indefinição. Cada um camuflado numa fantasia e nenhum deles tendo conhecimento de quem era quem, mostra ao leitor a ideia de que este lidará com uma obra que carrega um enigma a ser desvendado. Esse enigma não está apenas para os personagens, toda ambientação que estes atravessam também se torna um mistério a ser revelado. O espaço que é descrito como: campos carbonizados, penumbrosos, hórridos e secos também reforça a ideia de algo que carrega consigo a devastação, a solidão e o anonimato. Nisto observamos um misto de denúncia social e busca interior proposta pela Literatura de Ricardo Dicke. É exatamente nesse ambiente que a luta interior dos personagens dickeanos se trava em busca de respostas para as muitas indagações que surgem em suas vidas.

Além desses personagens lidarem com todos esses problemas havia um outro ainda maior que os atormentava, que era a morte misteriosa de seus companheiros durante a noite. A noite aparece como algo emblemático nas produções de Dicke, pois é através dela que os personagens têm a liberdade de perscrutar seu obscuro interior para entendê-lo, é como se a fusão da penumbra da noite se aliasse à obscuridade do interior desse ser. O primeiro personagem a ser morto de forma misteriosa foi Elpenor, algo que deixou o grupo assustado e ao mesmo tempo levantando suspeitas sobre quem seria o assassino. Isso podemos constatar nos relatos do personagem o Cavaleiro que ficava preocupado em saber quem seria a próxima vítima. Os relatos feitos pelo Cavaleiro deixam certa dúvida no leitor que o tem como um suspeito dos crimes. As próximas vítimas a serem tiradas do rol da vida foram: o mestre Geppetto e, em seguida, Palinuro, ficando apenas O Cavaleiro, El Diablo e Zabud, o deus das moscas. O bando dividido, com três mortos, sem saberem a causa e nem quem os haviam matado, os três viventes seguiam viagem com a grande incógnita de quem seria a próxima vítima e quem era o verdadeiro assassino.

Apenas os três lançados na imensidão do sertão, eles resolveram retirar suas máscaras revelando seus verdadeiros rostos. Nesse momento há um impacto tanto para o leitor quanto nos personagens, pois a verdadeira face se apresenta revelando os traços que o tempo deixou em cada um daqueles indivíduos. Uma dúvida que sempre perseguiu o Cavaleiro também foi desvendada, mas sem lhe dar uma certeza sobre o personagem El Diablo sobre

quem, ao longo do enredo, o Cavaleiro tinha dúvidas de ser um homem ou uma linda mulher. Ao se revelarem, o leitor percebe, e eles também, que o Cavaleiro não passava de um velho de dedos compridos e rosto murcho, El Diablo não passava de um sujeito franzino de cabelos cumpridos com certos traços de mulher [era uma mulher] e o senhor Zabud era um senhor gordo barrigudo e lerdo. Nesse momento de desmascaramento a trama caminha para seu fim e também dos personagens. A Kombi velha não funcionava mais, algo que obriga Zabud sair por aqueles campos em busca de um povoado para comprar um carro ou cavalos para prosseguirem a viagem até a cidade de Vila Bela.

Nesse momento ficaram apenas El Diablo e o Cavaleiro na esperança que Zabud encontrasse um veículo para que pudessem prosseguir viagem. Em meio a todo esse processo mais uma revelação acontece, desta vez o assassino se revela na calada da noite, momentos antes de Zabud chegar com um Jipe velho que os levariam ao destino almejado. El Diablo com um punhal cravou-o na garganta do Cavaleiro deixando mais um sem vida e, ao mesmo tempo se revelando como vilão da trama. Zabud, ao ver seu companheiro inerte e sem vida descobriu quem era o verdadeiro assassino, algo que lhe causou espanto e medo, mas por ameaça de El Diablo, o deus das moscas teve que ajudá-lo a colocar os seis sacos de ouro no Jipe e seguir viagem à Vila Bela. Uma viagem cheia de mistérios e revelações, El Diablo e Zabud seguiam pelos campos carbonizados e o desfecho é que em uma parada que os dois fizeram às margens de um rio, a verdadeira pessoa de El Diablo é revelada quando ele resolve se banhar e Zabud o seguiu descobrindo que aquele sujeito era uma linda moça. Se ainda havia algum medo no coração de Zabud, após aquela descoberta o medo também se foi. Confiando também no trato que El Diablo havia feito de não tocar numa pluma de seu corpo, Zabud seguia ao lado daquele ser insignificante rumo ao seu destino.

Em uma parada eles foram verificar os sacos de ouro e perceberam que com os solavancos dos buracos da estrada o ouro havia derramado, deixando apenas a cólera no coração daqueles seres. Com um sentimento de ódio, vingança e avareza, a jovem resolveu matar Zabud seguindo viagem sozinha. Com o rádio ligado, El Diablo corta as estradas velhas rumo a Vila Bela acompanhada apenas de seu papagaio com suas repetidas frases: "Você pensa

que sou idiota?", "Mundo horrível, mundo horrível", "Mundo podre, mundo bestialógico, bestiário e besta" (DICKE, 2006). Na proporção que a velocidade do carro vai aumentando o ritmo da narração também aumenta, acelerando ainda mais a tensão do leitor. Como a demarcação geográfica e de espaços são emblemáticos e presentes no enredo, esse movimento de alta velocidade à vista da cidade de Vila Bela faz com que o leitor embarque nessa viagem juntamente com a personagem El Diablo e sinta o vento e as árvores passarem com muita rapidez. Em alta velocidade, em uma das curvas da estrada El Diablo perdeu o controle do veículo batendo de frente numa árvore, lugar em que sua vida também chegava ao fim. Com o rádio ligado tocando a canção *Toada do Esquecido* e seu papagaio falando suas repetitivas frases, o jipe pegou fogo e tudo se acabou em pó e cinzas.

A segunda obra de Ricardo Dicke que faz parte de nosso estudo é o romance *Os Semelhantes* (2011). Este romance narra o percurso dos personagens que gradativamente vão se configurando e construindo nas linhas emaranhadas da subjetividade e da angústia num contexto regional no qual estão lançados. Isso porque a narrativa percorre pelos caminhos que povoam o mundo do garimpo de diamantes situado no distrito da Guia, próximo à capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá. A narração desse romance começa com uma ação fria do protagonista Abadia matando e esquartejando e depois jogando o corpo de seu companheiro, Salomão, dentro das águas do rio por causa de uma pedra de diamante. É por meio dessa ação que a construção e os emaranhados do enredo vão se firmando e formando o tecer do romance dickeano.

Assim como no conto "Toada do Esquecido", a tecedura desse romance se passa no ambiente do garimpo e com personagens que também estão lançados na inquietude da vida. Desse modo, a vingança, a cólera, o desamor e as frustrações são fatores que percorrem esta obra ficcional. O fio principal desse romance gira em torno de uma valiosa pedra de diamante, algo que coloca em xeque os valores sociais e morais de todos os personagens que transitam na obra. Como sabemos, é por meio da ação fria de Abadia em assassinar seu companheiro de garimpagem que começa a se desvelar o romance, ficando explícito, desde o início, que todo aquele despautério foi em disputa pela posse de uma valiosíssima pedra de diamante que tiraria da vida miserável qualquer um

que a encontrasse. Com isso Abadia, desde o início buscava tecer argumentos que legitimasse seu ato, pois desde então ele tinha uma desconfiança que Salomão não repartiria a pedra de diamante como eles haviam combinado. Assim, a melhor forma seria tirar a vida de seu companheiro e garantir a sua posse no diamante.

Além desses discursos, também temos outros que vão surgindo ao longo do enredo. Outro fator de peso na decisão do protagonista era um uma relação amorosa que ele tinha com a prostituta Umbelina, da casa de Maria Romana em relação a que alimentava um forte desejo de casar e constituir família. E pensando naquela grande riqueza e o que ele poderia fazer com tudo aquilo, o ódio, a avareza e a inveja tomaram conta de seu coração fazendo com que ele praticasse aquele ato inescrupuloso. São com essas ações que a história se consolida, mostrando como seus personagens se constituíram naquele ambiente. Mas, ao longo do romance também aparecem elementos denunciadores do ato de Abadia. Lembrando que o assassinato ocorreu no finalzinho de uma tarde, logo a noite chegaria e, com ela o silêncio tornava-se companheiro daquela noite e, de todas outras noites solitárias do "preto nojento", algo que fazia rememorar o momento o crime.

Na primeira noite do acontecido, o assassino não conseguiu dormir, pois uma espécie de remorso o perseguia, algo que lhe enchia de medo e ao mesmo tempo de ódio. Era como se tudo conspirasse a favor em denunciar o seu ato, o silêncio um dos grandes companheiros da noite fresca de Abadia, e o pássaro mãe-da-lua, com seu canto arrepiador: "Quem foi, foi, foi, foi..."(DICKE, 2011, 10), tornavam-se como um denunciador do ato que ele havia praticado, pois sempre quando ouvia esse canto subia um frio pela sua espinha e o remorso lhe atingia. No entremeio de tudo isso, o rio, um personagem forte desse romance, também se caracteriza como um denunciador do ato do criminoso. Como a inquietação era algo que rodeava Abadia, ele resolveu saber como estava seu "amigo" jogado nas águas do rio. No momento em que ele chegou à beira do rio e viu o corpo de Salomão todo comido pelas piranhas e seu rosto como de alguém que estivesse sorrindo para ele, essa imagem passou a acompanhar-lhe para o resto de sua vida.

Nos *Semelhantes* também temos a presença de outros personagens que estão lançados no labor da vida, com suas inquietações e indagações sobre si e sobre o mundo. Além da trama amorosa de Abadia e Umbelina, temos também as angústias da jovem Ramonita que sofria pela perda de alguns entes queridos e de um amor que mal conhecia, o jovem Rosendo. Ramonita também aparece no romance como uma protagonista que pode se equiparar a Abadia, mas, com características ainda mais fortes do que aquele. A jovem levava uma vida cheia de dúvidas e inquietações, morava com a avó no pequeno vilarejo de Aguassu porque havia perdido seus pais. Fechada dentro de si e do seu quarto, lugar onde o silêncio causava-lhe pavor e medo e ao mesmo tempo reflexões sobre si, a única válvula de escape era a janela que dava para o rio, onde ela observava a lua e ouvia as vozes das águas que a chamava. Foi em uma dessas noites que Ramonita resolveu ir até o rio saber o que a chamava.

A jovem desceu pela janela de seu quarto, andou até as margens do rio e escutou um choro como se fosse de uma criança. Correu para ver o que seria e para sua surpresa se deparou com um recém-nascido, que logo o tomou em seus braços e, mais uma vez, a dúvida e a incerteza lhe assalta o coração sem saber o que fazer com aquela criança. E para sua infelicidade a criancinha que chorava muito, o seu choro foi diminuindo até que a criança pesou em seus braços e, logo ela percebeu que o recém-nascido havia falecido deixando apenas o peso e a dor de uma culpa na jovem indefesa. Mais uma vez, a morte aparece no romance como algo determinante das ações dos personagens dickeanos. Além da dor do amor que Ramonita sentia por não ter seu amado por perto, agora tinha que lidar com a dor da culpa por um crime que aparentemente ela não era culpada. Com esse acontecido, ela se sente perseguida pelos pais daquela criança, tendo que tomar uma decisão arriscada, assim, a jovem segue pelas estradas do sertão rumo à cidade da Guia.

Esse foi o mesmo destino que Abadia tomou como uma fuga do garimpo de diamantes e também da solidão consumidora que o assolava. É nesse emaranhado de rumos que o destino consegue unir todos os personagens de destaque na obra, que são: Abadia, Ramonita, Umbelina, Rosendo e o senhor Antônio Gurgéis, pai de Rosendo e Romão, o irmão gêmeo que havia sumido de forma misteriosa. Notamos que todos os personagens nesse romance carregam

consigo grandes problemas existenciais. Temos na trama personagens ficcionais que lutam contra seus próprios traumas a fim de se estabelecer socialmente. Os conflitos estavam também presentes na vida de Rosendo, o amor de Ramonita, que precisava lidar com a falta de seu irmão gêmeo, que sumiu quando ainda era criança, sem que tivessem nenhuma notícia de seu paradeiro. Além disso, tinha que conviver com a loucura de seu pai, na busca incansável pelo filho desaparecido nas águas do rio.

Pelas estradas rumo ao distrito da Guia segue Abadia na intenção de vender a preciosa pedra de diamante para assim poder desfrutar dos prazeres da vida com as prostitutas de Maria Romana e tirar sua amada daquele lugar. A Guia aparece como um reduto de fuga, lugar para onde Ramonita também seguia sua viagem para se refugiar na casa de uma tia que morava por lá. Assim, a estrada aparece no romance como um elo que junta os personagens no (des)caminho da vida angustiante daqueles indivíduos. A configuração do romance *Os Semelhantes* é como se fosse uma narração construída em dois planos, ou seja, as ações dos personagens seguem em um (des)caminho que parece se desencontrarem, mas que chegam a uma desembocadura comum dos fatos. Essa construção narrativa em dois planos fica mais clara se compararmos com uma novela, que segue num desencontro de cenas em capítulos cheios de mistérios que são revelados em um desfechar final. Sobre essa configuração de narração enveredaremos com mais propriedade nos próximos capítulos.

Pelas estradas que cortavam o sertão, Rosendo, que estava há muito tempo nos garimpos de Coxipó do Ouro seguia rumo à sua casa, no vilarejo Aguassu, na certeza de que encontraria o seu amor, Ramonita. Ao chegar ao vilarejo ele descobre que sua amada seguia viagem com um "preto nojento" para o distrito da Guia. Movido pelo ódio e pelo medo de perder Ramonita de uma vez por todas, ele foi estrada afora na intenção de salvar seu amor das mãos do assassino, cuja fama ele já conhecia nos garimpos. A cavalo, Rosendo seguia correndo desesperadamente no encalce de achar seu amor e resgatá-la das mãos daquele frio assassino que havia matado o seu próprio companheiro. E nesse desespero, Rosendo seguia estrada afora, passando pelos mesmos lugares que Ramonita e Abadia já tinham trilhado e, sem saber também estava

sendo seguido pelo seu velho pai, que nunca desistia de procurar o seu filho perdido.

Em uma carroça, puxada por um burro, seguia Ramonita, Abadia e um velho cego que havia pegado carona com eles no caminho. Abadia, carrasco como sempre, ia espancando o pobre animal que mal aguentava puxar a carroça com todo aquele peso pela estrada lamacenta que dava acesso ao distrito de Guia. Numa certa altura do caminho, já no anoitecer, aconteceu um acidente, tombando a carroça fora do caminho, esparramando todos pelo barro. O burro, sem ter mais condição e força para puxar a carroça que estava atolada, permaneceu imóvel recebendo várias chibatadas de seu guia. Com remorso, Ramonita tentava convencer o assassino a não praticar tal ação, algo que não o convenceu. Após bater muito no animal que não demonstrava mais nenhuma reação, Abadia sem paciência deu uma machadada na cabeça do pobre animal abrindo as bandas. Sem terem mais condições de seguir viagem, Abadia resolveu passar a noite por ali mesmo, visto que estavam às margem do rio Vermelho, lugar onde paravam os tropeiros.

À beira do rio, eles acenderam uma fogueira para preparar um alimento e, lá embaixo as águas passavam silenciosas e tranquilas. Nesse momento, o preto resolveu tirar de sua guaiaca o que ele tinha de maior valor, que era a sua linda pedra de diamante, que brilhou fortemente nas chamas da fogueira. A jovem ficou pasma ao ver aquela beleza e logo a inveja, a avareza e o ódio tomavam conta de seu coração que já engendrava algo. Pela madrugada, após todos estarem dormindo, Ramonita, tomada pela avareza, roubou a preciosa pedra fugindo sozinha pela estrada madrugada afora. Como sabia das maldades do preto bêbado, o melhor para ela era sumir sem deixar sinal. Abadia, ao acordar pela manhã, foi logo certificar-se de que sua pedra estava guardada como a havia deixado e, para sua surpresa o lugar estava limpo e a pedra havia sumido.

Com a mesma indiferença que Abadia tratou Salomão quando lhe tirou a vida, o mesmo se repetia com ele. Na fuga, Ramonita também formulava desculpas para justificar seu ato dizendo que aquele sujeito era um negro qualquer, bêbado, um algoz de animal. Enquanto isso, ela caminhava a passos deixando para trás o preto, o burro com sua cabeça partida, o velho cego e o rio com suas águas silenciosas e misteriosas. O rio mais uma vez se apresenta como

um personagem intenso e presente na vida solitária dos personagens "humanos" que vivem um dilema de angústia interna, e na calada noite passam a refletir sobre a vida e também praticar suas ações. Para tornar mais confuso o seu caminho, a jovem deparou com uma encruzilhada na qual ela não sabia qual caminho deveria percorrer, mas isso não foi empecilho para a moça, pois sua determinação fez seguir um rumo até que a penumbra a consumiu pelo beco da estrada.

Com a posse do diamante, Ramonita se foi, deixando Abadia desesperado e com um ódio incontrolável que, ao suspeitar do velho cego também lhe tirou a vida aumentando ainda mais sua ficha criminal. Nesse entremeio, Rosendo também já se aproximava do distrito da Guia, lugar onde Ramonita iria ficar na casa de uma tia. A jovem com o coração cheio de felicidade por ter a posse de uma pedra de valor altíssimo, sonhava com seu amor e como viveriam bem com toda aquela riqueza. Por um acaso Ramonita e Rosendo se encontraram na margem do rio que ladeava a pequena cidade e se abraçaram aliviados por terem se encontrado sãos e salvos. A moça cheia de alegria de imediato contou o que tinha acontecido e como eles poderiam viver tranquilos para o resto de suas vidas desfrutando da riqueza que aquele diamante lhes daria. Mas o jovem ao saber como Ramonita havia adquirido aquela riqueza não aceitou a proposta dela, pois os valores morais que ele prezava eram maiores do que aquela riqueza. Para resolver o problema Rosendo propôs à jovem que devolvesse o diamante, caso contrário, ela poderia esquecê-lo, pois nunca em sua vida casaria com uma ladra. Como a jovem não quis aceitar a proposta de seu amor, ali o caminho dos dois se separaria para sempre.

Nesse momento do enredo, a primeira parte do romance se acaba e a continuidade da história se passa vinte anos depois. Na ocasião, Abadia ficou no distrito da Guia mendigando e revivendo todas as noites os crimes que havia praticado por causa de um diamante que só lhe trouxe desgraças. Além disso, vivia sem saber quem havia roubado o seu diamante e na incerteza de quem estaria desfrutando de toda aquela riqueza que era sua. Nessa parte do romance Ramonita assume uma posição de protagonista, pois era ela a que detinha o poder aquisitivo, sendo dona de vários imóveis na capital, Cuiabá, além de uma casa de mulheres na qual ela também trabalhava. É nesse lugar, na casa de

prostituição de Ramonita, que se dão os desfeches do romance *Os Semelhantes,* é o lugar onde todas as linhas se emaranham em laços dos destinos dos personagens densos, que se compactuam revelando suas angústias que, de certo modo afirmam suas identidades.

Como já descrevemos anteriormente que o jogo de interesse, a ambição, a inveja e o ódio fazem parte da vida dos personagens que estão lançados nesse ambiente de desilusão e perseguição, é na casa de prostituição que esses elementos vão aparecer mais uma vez fechando e dando o resultado da história. Uma das melhores amigas e empregada de Ramonita era a mulher com quem o negro Abadia sonhava em casar-se, Umbelina, e naquele lugar ela rememorava os carinhos que o negro lhe dava e sabia que nenhum outro homem tinha lhe amado quanto ele. Ambas sabiam da história de amor que viveram no passado e o que os tinha separado, deixando apenas a dor da solidão e o sentimento de culpa por não ter lutado por ele. Como Ramonita tinha um afeto muito grande por Umbelina, que chegava a compará-la como uma irmã, resolveu fazer um testamento passando todos os seus bens para Umbelina assumir depois que ela morresse.

Sabendo desse testamento a ambição também tomou conta do coração de Umbelina passando por cima de todos os valores éticos e morais de um ser humano. A ambição fica mais forte no coração de Umbelina quando ela, ao saber do encontro de Ramonita com um homem que lhe deixou mais depressiva, a todo o momento ficava pensando como sua vida melhoraria se Ramonita colocasse um fim na sua vida, se isto acontecesse, ela seria dona de toda a riqueza de sua amiga. Trancafiada dentro de si, Ramonita enclausurada com o tédio que sua vida tinha virado resolveu tirar a própria vida tomando uma dose de bebida com veneno. Com o coração preso à riqueza, Umbelina deixou morrer aos poucos trancada em seu quarto a amiga que tanto confiava na amizade dela.

No meio de todos esses acontecimentos, um dos sonhos que Umbelina sempre teve se concretizou no dia do velório de Ramonita. Ela sonhava e acreditava que um dia o amor de sua vida viria e a tiraria daquela vida de angústias que sempre viveu. E de uma forma extraordinária o romance de Dicke finaliza com a chegada de Abadia à casa onde acontecia o velório de sua maior rival que lhe tinha causado tanto sofrimento e encontra o grande amor de sua vida

que sempre o esperava de braços abertos. Uma cena que marca o final confuso e vingativo dos *Semelhantes* foi um longo beijo que Abadia deu na defunta como uma despedida acompanhada pela vingança que sempre corroeu seu coração durante todo aquele tempo. O que toma conta de todo aquele ambiente é "o silêncio que parece cobrir tudo e vir das profundidades da lua". (DICKE, 2011, p. 181).

O que podemos relacionar nas duas obras é uma continuidade de ações que colocam seus personagens no mesmo patamar de introspecção, desespero e desilusão por não conseguirem se estabelecer na vida. Isso percebemos tanto no conto "Toada do Esquecido" como no romance *Os Semelhantes*. Na verdade, a pretensão de nosso estudo é focalizar nessa relação de personagens que estão fragmentados dentro de si e não conseguem se localizar no ambiente no qual transitam. Podemos perceber isto nos personagens que se destacam dentro das duas obras, na primeira os seres ficcionais lutam com todas suas forças contra os mistérios que sempre os acompanhava e, também precisam lidar com a indefinição das máscaras, o enigma das mortes e a ilusão de riqueza que todo o ouro poderia lhes oferecer. Do mesmo modo encontramos n'*Os Semelhantes*, personagens com as mesmas características desenvolvendo ações que estão ligadas diretamente à usura, à inveja, ao ódio, à avareza e todos os sentimentos negativos do ser humano.

Nas duas obras, temos o território mato-grossense sendo usado como cenário por onde transitam os personagens dickeanos, em especial o cenário dos garimpos de ouro e de diamantes que por longo tempo foi o motivo para trazerem tantos emigrantes para este Estado. É nesse ambiente de grandes disputas e causador de muitas desavenças que temos os personagens do conto e do romance rememorando as angústias da vida das pessoas que trabalhavam nesses lugares. Ricardo Dicke trabalha, em suas obras, os grandes conflitos inexplicáveis que o ser humano enfrenta no mundo contemporâneo com suas lutas em busca de respostas para suas indagações. Essa é a luta constante do homem moderno frente a necessidade de estabelecer uma relação consigo e encontrar um identidade definida. Essas questões são características fundamentais do romance contemporâneo, pois o homem sempre está nesse devir em que não se estabelece dentro de um espaço e de tempo cronológico,

algo que configura ainda mais a característica do inacabamento do herói moderno frente às suas necessidades. Por isso a penumbra, a frieza da noite, o espaço apertado e a condição miserável do homem fazem parte do universo ficcional dos personagens de Dicke.

O território mato-grossense, na sua vastidão como é descrito por Ricardo Dicke, traz em sua configuração uma ligação intrínseca com a vida interiorizada dos seus personagens neste ambiente. A devastação e a exploração que são descritas em ambas as obras são elementos conectivos que as ligam para que possamos estabelecer nosso estudo. Os campos secos e sem vida, como são descritos, se configuram na vivência descentrada e fragmentada de todos os seres ficcionais que transitam nas obras. Se em "Toada o esquecido" temos a sequidão e a devastação que, consequentemente, serve como uma alegoria da vida interior dos personagens numa viagem circular, n'*Os semelhantes* temos o diamante, o causador de todas discórdias, que instiga a reflexão em seus personagens causando um desconforto que lhes obriga a sair no mundo, numa espécie de fuga assim como no conto. Assim, como em "Toada do esquecido" a vida interiorizada dos personagens se confunde com a vastidão dos campos carbonizados, essa ligação podemos fazer com a vida dos personagens de *Os semelhantes,* pois neste romance o espaço, também mato-grossense, se confunde com a vida interior de seus personagens.

Portanto, o fio condutor que liga as duas obras é o enclausuramento dos personagens, que lhes traz os sentimentos de dúvidas, de medo e de ódio, e são através desses sentimentos que esses indivíduos se apresentam como seres que tem identidades fragmentadas, descentradas e deslocadas, sendo assim, são indefinidos. É com essa perspectiva que, no segundo capítulo, discutiremos sobre as inquietudes que esses personagens enfrentam, em busca de uma organização interior, pois é nesse contexto conturbado que suas identidades também se apresentam como indefinidas. Desse modo, a luta desses seres ficcionais torna-se constante, pois eles sempre estarão em busca de algo que os complete e lhes defina dentro de um universo que também é incompleto.

CAPÍTULO II – AS INQUIETUDES DE SERES FICCIONAIS COMO ALEGORIA DO HOMEM PÓS-MODERNO

A segunda parte de nosso estudo centra-se em compreender e discutir as questões do jogo das Identidades fragmentadas nas duas obras de Ricardo Dicke, associando à modernidade e à pós-modernidade. Como buscamos compreender as Identidades sob a ótica da modernidade e a pós-modernidade, mobilizaremos algumas noções teóricas de estudiosos desse tema como: Stuart Hall, *A Identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Antony Giddens, *Modernidade e Identidade* (2002), Marshall Berman, *Tudo que é sólido se desmancha no ar:* a aventura da modernidade (1986), Giorgio Agamben, *O que é Contemporâneo?* (2009) e outros ensaios, entre outros estudiosos que discutem sobre essa temática. Quando trazemos para nosso estudo os personagens dickeanos inseridos dentro dessa ótica de leitura, que envolve os jogos de identidades que esses indivíduos procuram, queremos abordar e discutir as inquietudes do homem com dificuldades para se estabelecer frente ao mundo moderno.

Ao trazer para este trabalho um estudo relacionado às inquietudes do ser humano moderno, não queremos traçar um perfil que discuta e traga respostas fechadas e acabadas para este ser, se fosse assim, estaríamos indo na contramão do que os estudiosos nos orientam sobre a modernidade. Nosso trabalho visa discutir aspectos sobre a busca das identidades dos personagens dickeanos em "Toada do Esquecido" e *Os semelhantes*, e compreender como é organizada a questão das identidades na pós-modernidade através dos personagens ficcionais de Ricardo Dicke. Daí a pesquisa justifica-se relevante por trazer assuntos da contemporaneidade e nada melhor que discutir essas questões, com obras literárias contemporâneas.

Para compreendermos sobre tais questões é necessário fazer um percurso teórico para entendermos o que é moderno, modernidade e pós-modernismo. Sabemos que essas terminologias são usadas para designar alguns momentos vivenciados pela sociedade ao longo dos processos de mudanças registradas nos últimos séculos da história social. Sendo assim, o sociólogo

Antony Giddens (1991), ao fazer um estudo sobre *As consequências da modernidade*, delimita um espaço e uma data de onde emerge o conceito de modernidade.

> "Modernidade" refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança numa caixa preta. (GIDDENS, 1991, p. 8, grifos do autor)

O sociólogo, ao pontuar o espaço e uma data, também sinaliza as influências deste tipo de organização social que viria acontecer em momentos posteriores. Nesta perspectiva, Giddens (2002), ao tratar sobre *Modernidade e identidade*, descreve:

> A modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídos pela certeza do conhecimento racional. A dúvida, característica generalizada da razão crítica moderna, permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica, e constitui uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo. (GIDDENS, 2002, p. 10)

O estudioso ao tratar sobre a *dúvida,* como um marca do mundo social contemporâneo, situa o homem em um espaço em que suas ações são determinadas, não mais por preceitos preestabelecidos e sim no "contexto da consumada *reflexividade*, que é a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições modernas" (idem, 2002, p. 25, grifos do autor). Assim, tudo o que é pensado e feito na modernidade passa pelo crivo da reflexividade, portanto, o "eu" se torna um projeto reflexivo por causa da demanda da reorganização psíquica que esse "eu" precisa passar.

Por causa desta reorganização, Hall (2006) discute que:

> As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" –isto é, identidades – para os indivíduos. Se

> tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. (HALL, 2006, p. 17 grifos do autor.)

Pensar a modernidade nesses parâmetros é compreender que os indivíduos, desse momento, transitam num espaço em que as certezas e as dúvidas estão sempre em processo de revisão e reorganização. Logo,

> Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 15)

Desse modo, associamos neste trabalho obras que de certa forma dialogam com os problemas existenciais do homem da modernidade que está sempre na busca por algo que o defina e o complete. Isso porque, tanto o mundo quanto este ser estão num processo constante de mudanças, e mudança é um dos pilares da modernidade. Quando se discute mudanças, logo pensamos em alteração ou um processo de adequação de algo e, é exatamente nesse processo de adequação que os personagens dickeanos se encontram, lançados no devir da vida em busca do revelar de uma identidade. Pensando nessa busca incessante e inconstante dos personagens das obras "Toada do Esquecido" e *Os Semelhantes,* podemos mobilizar para essa discussão o que Hall (2006), desenvolve sobre *A identidade cultural na pós-modernidade.* O estudo que Hall desenvolve centra-se em discutir como está sendo concebido e discutido sobre as múltiplas identidades que tem surgido ao longo do contexto histórico da sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, o que se estabelece dentro dessa dicotomia é o fato dessas identidades darem um novo rumo para o sujeito dentro da sociedade contemporânea. Pois este sujeito se apresenta como fragmentado, ou seja, ele ainda não é portador de uma identidade fixa que o defina e ao mesmo tempo defina o seu espaço social. Assim, a identidade sólida que se podia pensar em uma determinada sociedade, hoje passa por grandes transformações e, sobre essas transformações o autor explica:

> Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2006, p. 9)

Sendo assim, o deslocamento e a descentração do sujeito são questões fundamentais encontradas nos personagens dickeanos que estão lançados num mundo que coloca em xeque a integridade de cada indivíduo que compõe as obras dessa interpretação. Interpretar os personagens nessa perspectiva de estudo, é uma forma de entender um pouco mais sobre a nossa constituição social, de sujeitos lançados também nesse mundo moderno. Pensar em modernidade é ao mesmo tempo pensar em si mesmo dentro desse contexto conturbado, pois como o estudioso pontua, não dá para se chegar a uma definição de identidade nesse momento, isso porque, nós, os integrantes dessa época, estamos nos tornando objetos dessa transformação e fragmentação. Por estas razões, o homem moderno sempre estará rodeado de questionamentos sobre si e, ao mesmo tempo, sobre o seu ambiente, pois tanto este quanto aquele, estão em processo de modificações, sempre descentrados e em movimento de mudanças de suas identidades.

Tanto em "Toada do Esquecido" como N'*Os Semelhantes*, podemos estabelecer essa relação de desintegração dos personagens que estão lançados numa viagem/fuga que fora tomada desde suas próprias escolhas. Entretanto, foi uma decisão que os levaram a padecer as angústias da vida, sem terem a noção do porque de tudo aquilo. Sendo assim, por mais que as personagens fizessem suas escolhas de forma consciente, no desenrolar da trama essas escolhas lhes trariam a dúvida, algo que precisavam levar para o resto de suas vidas. Nessa perspectiva Giddens (2002), faz as seguintes considerações:

> A modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e insiste em que todo conhecimento tome forma de hipóteses-afirmações que bem podem ser verdadeiras, mas que por princípios estão sempre abertas à revisão e podem ter que ser, em algum momento, abandonadas. (GIDDENS, 2002, p. 10)

É nessa dualidade de substituições que são geradas com as dúvidas que, em alguns momentos os personagens dickeanos precisam estar abertos para uma nova afirmação. Nesse caso, não se pode firmar uma ideia que não haja lacunas para ser discutida sobre, pois a reflexão também é um dos pilares que sustenta a ideia da pós-modernidade. Estes são alguns dos motivos de inserir os personagens dickeanos dentro do universo da modernidade, pois eles têm mecanismos que sustentam essa ideia de moderno que está construindo suas identidades.

O que podemos estabelecer dentro deste contexto nevrálgico da pós-modernidade é que o ser humano mais do que nunca está aberto para rever, construir e, ao mesmo tempo desconstruir o que tem estabelecido como imutável. Na verdade, na pós-modernidade não existe nada que possa ser pensado como imutável, pois tudo está em processo de mudanças e, as transformações que o homem sofre, isto também reflete no mundo em que ele vive e vice-versa. Sobre isto Giddens (1991), nos aponta:

> Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1991, p. 10)

Pensando nestas profundas mudanças que a sociedade moderna tem sofrido e que tem alterado significativamente as características de nosso cotidiano, que também tem desconstruído uma cultura unificada com uma identidade definida, Hall (2006), faz um levantamento sobre três concepções de identidades que perpassam o sujeito Iluminista, sociológico e pós-moderno, cada um destes com suas concepções. Cada sujeito dessas épocas carrega consigo um modo de pensar sobre a identidade. A primeira constituía um sujeito com uma identidade centrada que se desenvolvia desde o seu nascimento até a morte,

permanecendo essencialmente com a mesma identidade; a segunda concepção já trazia nuances do mundo moderno em que a identidade poderia ser definida como coletiva, ou seja, ela era formada na relação com outras pessoas por meio da interação; já a concepção de identidade na pós-modernidade, o sujeito não mais carrega um identidade única, mas de várias identidades e, porque não dizer que muitas delas são contraditórias ou não resolvidas.

Por estas razões a identidade na pós-modernidade se apresenta como fragmentada e inacabada, pois tanto esta quanto o sujeito que as tem ainda estão em processo de composição. Com essa ideia, Hall segue nas mesmas perspectivas de Giddens, quando discutem sobre o deslocamento das identidades e do sujeito na modernidade, em que o tempo e espaço também sofrem mudanças significativas. Pois estes deixam, em muitas ocasiões, de marcar um ponto geográfico ou um tempo cronológico e passam a ser um elemento de reflexão interior do indivíduo. Sobre esse deslocamento do tempo e de espaço apresentamos mais uma concepção que é válida ser ressaltada neste ponto.

> O tempo, assume na modernidade uma conotação mais ampla que a do tempo cronológico, medida insuficiente para atender ao processo de mudança da consciência individual, ponto nevrálgico no conto em análise, pois o que move a ação dos personagens é o fator emocional, não mais a relação de causa e consequência. Imersos numa vivência social e psíquica, os personagens experimentam a ordem do tempo psicológico. (MACHADO, 2012, p. 37)

Todos esses questionamentos levantados por estes estudiosos se configuram com o que estamos propondo na discussão de nosso trabalho, que é exatamente discutir sobre o jogo das identidades nos personagens dickeanos. Esses personagens nos dão sustentação para pensarmos o indivíduo moderno perpassando por este momento singular da sociedade, não apenas os personagens como também na junção de ambientação e tempo em que eles estão inseridos.

Trazer para nossa pesquisa os personagens dickeanos é uma tentativa de entender o funcionamento e o comportamento do homem moderno frente às profundas mudanças enfrentadas nesse momento. Em meio a essas mudanças, esse indivíduo é cercado pelas indagações em busca de conhecimento sobre si e

sobre as coisas que lhe cerca. Neste contexto turbulento, o narrador de "Toada do Esquecido" discute:

> Desenrolam-se os dias, dia após dia ante nossos olhos como eternos rolos de pergaminho sem fim: neles poderemos pôr as inscrições que quisermos. Onde estão os ninhos dos pássaros, o que falam as formigas, o que sonham os mais loucos poetas, o que pensamos ontem, onde vai o tempo, onde está Deus, o que acontece depois da morte, onde se afunda o nosso inconsciente: tudo o que nos cerca é um grande mistério. (DICKE, 2006, p. 104)

Além dessa tentativa é também uma forma de discutir um autor que tem pensamentos e discussões relevantes não só de cunho literário, mas também de cunho social à pós-modernidade. Ricardo Dicke, nessas obras, faz discussões profundas sobre a verdadeira condição do homem enclausurado dentro de si que, verticalizando nossa percepção para tais questões perceberemos que o autor traz em sua escrita discussões profundas de cunho filosófico e sociológico. O olhar de Ricardo Dicke volta-se para discutir, também, sobre o individualismo do homem na pós-modernidade que, por mais que ele viva num mundo interconectado, esse indivíduo se sente distante dos demais integrantes dessa sociedade. Um exemplo desta questão encontramos neste excerto:

> Quando se encontram pessoas ditas bem, gradas, dessa pequena sociedade que é a família, é só para conversar sobre seus cães, carros, chácaras, propriedades, etc. até a exaustão, jamais falam de algo melhor que eles não entendem nem nunca entenderão, como por exemplo a Literatura ou um moteto de Bach... (idem, p. 34).

Por mais que as personagens dickeanas transitem em um espaço que julgamos ser regional, como por exemplo: "Rio Guaporé, Chapada dos Parecis, Mato-grosso, Vila Bela" (idem. p. 57), ou, os garimpos de diamantes em Coxipó do Ouro, regiões existentes no estado de Mato Grosso, Dicke, por meio de sua escrita faz com que seus personagens transcendam esse espaço e dialogue com o homem universal moderno. Tal diálogo se estabelece nos grandes questionamentos que são levantados por seus personagens sobre a vida, a morte, o que aconteceria após a morte, de onde vem e para onde vão que, na

verdade, são indagações que permeiam a vida do homem pós-moderno. Isso torna Ricardo Dicke um escritor contemporâneo e também com visões contemporâneas, pois como nos explica Agamben (2009), "Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente" (62).

É em meio a essa obscuridade do presente que Dicke traz para nós, obras que nos fazem refletir sobre nossa existência e, pelo menos buscar compreender nosso tempo. Suas personagens são carregadas de características que se assemelham com o ser humano de nossa época, isto é notável nos sentimentos de avareza, de inveja, ódio, de angústia que rondam a vida desses seres ficcionais que estão sempre em discórdia com os demais e consigo mesmos. Entender tais questões não resolverá as contradições que impregnam a vida moderna, mas auxiliará a compreendê-las, para que possamos ser claros e honestos ao avaliar e enfrentar as forças que nos fazem ser o que somos. Sendo assim, ao depararmos com personagens que lutam contra suas próprias imposições, como em "Toada do Esquecido", e N'*Os Semelhantes,* que tentam fugir e justificar seus atos, de forma ficcional estes indivíduos, que estão lançados no labor da vida exaustiva, nos revelam os grandes conflitos que o homem moderno enfrenta enclausurado dentro de si. Essa aproximação do personagem ficcional dickeano com o homem moderno é algo que vale a pena ressaltarmos em nosso estudo.

Como defende Antonio Candido (2006), a literatura e a vida social devem manter uma relação estrita, pois uma é complemento da outra. Logo, essa relação é visível nas duas obras em estudo. No entanto, vale ressaltar que a literatura também não tem o compromisso de historiografar um fato social como um sociólogo faria, nesse sentido, Candido (2006, p. 31) nos adverte: "Este caráter não deve obscurecer o fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos". Salientando ainda mais sobre a arte literária, o estudioso ainda ressalta: "Mas, justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista" (idem, p.32). Adotando tal pressuposto, a verdadeira arte é aquela que nos faz enriquecer, ou que nos proporciona a buscar um sentido para a vida. E

pensando nesse enriquecimento que a literatura traz à vida, pensemos que o mundo que nos é apresentado pela arte literária é um mundo que é construído à parte, isso porque seus personagens também são construções, mas são construções que, de certa forma, conseguem dialogar com nosso mundo e, ao mesmo tempo, nos instigam a refletir sobre ele.

É através desta relação de literatura e vida social que buscamos compreender a Identidade em Ricardo Dicke, associando à modernidade e à pós-modernidade. Como já foi explicitado no primeiro capítulo sobre a construção do enredo das duas obras, bem como de seus personagens e dos espaços transitados por eles, vamos agora discutir essa relação a compreensão das identidades nos personagens do conto "Toada do Esquecido" e o romance *Os Semelhantes.* Como sabemos, na pós-modernidade, tanto a identidade quanto o tempo e o espaço onde o homem transita estão em processo de mudanças e transformações, algo que faz com que este indivíduo tenha Identidades descentralizadas. Pois é com a pluralidade de identidades mal resolvidas que Ricardo Dicke insere seus personagens nestas obras em estudo.

Em "Toada do Esquecido", desde o início da narração o leitor já se depara com um labirinto em que tempo, espaço, enredo, trama e personagens estão deslocados, provocando estranheza e dúvidas. Como descrito na *Nota dos Editores*, na mesma obra *Toada do Esquecido e Sinfonia Eqüestre* (2006, p. 9), "As personagens enigmáticas assim o são, porque o narrador é a esfinge que o leitor precisa devorar. O narrador, os narradores, ou as personagens-narradoras – talvez nunca saberemos – tecem a trama para captar o leitor". É neste contexto fragmentado, em todos os sentidos, que Ricardo Dicke apresenta a seus leitores obras que tem personagens e mundo quase sem sentidos. Assim, temos em suas obras o drama dos roubos, das disputas pela posse de bens e de terras como também, as desilusões amorosas, os assassinatos e suas vinganças, algo que se aproxima ao universo do homem movido por todos esses sentimentos.

Vale a pena ainda ratificarmos sobre o narrador, como uma esfinge que o leitor precisa decifrar, pois é com ele que o leitor acompanha o tecer do enredo. Como estamos lidando com personagens e, ao mesmo tempo com um narrador multifacetado, é importante compreender o porquê da intromissão desse narrador na narrativa. Como sabemos, narrador é aquele que detêm o poder de narrar

algo, e há uma gama de nomenclaturas para designar esta instância narrativa, mas não queremos entrar em detalhes teóricos. Nossa busca volta-se para esse narrador enigmático que Dicke introduz em sua narrativa para narrar a história de seus personagens lançados nos campos penumbrosos e secos do sertão mato-grossense. Silviano Santiago (2002) faz um estudo sobre o narrador pós-moderno e discute sobre a função desse narrador. De forma prática, o estudioso faz as seguintes considerações sobre esse narrador.

> (...) o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante (SANTIAGO, 2002, p. 45).

Redimensionando o narrador pós-moderno dentro do contexto conturbado de se encontrar uma identidade para este ser narrador, Santiago formula uma segunda hipótese que se configura nas seguintes descrições:

> (...) o narrador pós-moderno é o que transmite uma "sabedoria" que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar "autenticidade" a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovido da autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o "real" e o "autêntico" são construções da linguagem (SANTIAGO, 2002, p. 46-47).

Temos uma definição que configura uma identidade do narrador pós-moderno, no entanto, parece-nos que o narrador de "Toada do Esquecido", é mais audacioso do que o "narrador que extrai de si" as ações. Essa diferenciação está nas digressões que esse narrador faz em sua narração, quando transpõe a fala aos personagens e, também a retoma, sem deixar uma marca expressiva de quem está narrando, se é o narrador ou se é a personagem. No entanto, isto não é motivo para desistir desse tipo de narrador, pelo contrário, ele vai ao encontro daquilo que buscamos neste trabalho. Como estamos discutindo não sobre uma identidade sólida e definitiva e sim sobre identidades que, além de estar no plural

são também fragmentadas e deslocadas, neste mesmo plano podemos compreender o(s) narrador(es) de Ricardo Dicke. Ele traz narradores que são diferentes dos que já conhecemos e conseguimos identificá-lo com facilidade. Portanto, não se trata de um único narrador, mas narradores que tecem a trama de "Toada do Esquecido" e, como está em jogo a questão das identidades fragmentadas, do mesmo modo podemos aplicá-las aos narradores com suas variadas vozes expressas no texto.

Como nossa pesquisa visa discutir sobre as identidades fragmentadas e deslocadas do homem pós-moderno, Dicke, nas obras em análise, nos norteia para discutirmos essa situação tanto em seus personagens como em seu narrador enigmático. A junção, que na verdade cria uma hibridização, que há entre personagem e narrador é algo profundo encontrado dentro desse conto, pois é como se Dicke inserisse esse ser narrador para figurar ainda mais a vivência obscura e indefinida de seus personagens atravessados pelos diversos discursos. A indefinição é algo pungente em todos os aspectos da obra em estudo, isto porque o narrador, os personagens, o ambiente e toda construção são enigmáticos. A dúvida, algo predominante no conto, faz com que eles cheguem a esta conclusão:

> É trágica a verdadeira condição do homem: fechado em si mesmo incomunicavelmente, nada pode dizer de si, de seu mais íntimo, daquilo que se lhe passa no âmago, porque ninguém o entenderá se o disser, até que a morte chegue: só aqui e agora nós entendemos... (DICKE, 2006, p. 33).

Movidos pela dúvida e pelo desconhecimento de si e de tudo os personagens em "Toada do Esquecido" seguem numa fuga por ambientes que pelas suas imagens, também se apresentam diluídos pela devastação. O sentimento de dúvidas é algo que faz parte da vida de todos os seres ficcionais neste conto e, isto fica claro neste fragmento: "(...) já não sei há quanto tempo estamos aqui viajando, o tempo se perdeu atrás duma cortina de semanas, talvez meses, os dias se foram, para onde foram? Ninguém sabe, e todos fingem que o sabem, tão seguros de si (...)"(DICKE, 2006, p. 15). Com base neste trecho podemos estabelecer o sentimento de dúvida e solidão eminente na vida desses seres ficcionais que foram lançados no mundo do esquecimento e, que lutam em

busca de algo que os definam, mesmo que seja por meio do fingimento. Isso porque os elementos que compõem a narrativa corroboram para este sentido de dúvida mesclada de esquecimento. Além da abordagem dos problemas interiores dos personagens temos, inclusive, a interferência do mundo exterior que é um ponto de referência que denuncia as ações dos personagens do conto.

Na verdade a interferência do mundo exterior vem como um pano de fundo para determinar a reflexão dos personagens enclausurados em suas dúvidas, mas que por outro lado conseguem determinar um juízo de valor em relação a este mundo. Temos no início do conto a seguinte descrição: " – Fabulosos, rodopiantes mundos da ilusão!" (DICKE, 2006, p.11). A história ainda segue discutindo sobre a superficialidade que o mundo e as pessoas carregam "metidos até o pescoço", que no final se resume nas palavras repetitivas do papagaio de El Diablo, " Mundo horroroso, mundo horroroso, mundo horrível" (idem, p. 110) e, ainda indagando " – Você deve pensar que sou idiota, não é?" (idem, p. 12). Com a amostragem destes elementos narrativos que tecem os emaranhados do enredo, podemos dizer que Ricardo Dicke usa uma metalinguagem do "mundo" vivido por seus personagens como uma alegoria do mundo pós-moderno composto por uma sociedade fragmentada e deslocada. O que se estabelece desta dualidade é que Dicke, de forma ficcional, critica a concepção de mundo pós-moderno cheio de fragmentações que no final se resume em apenas sedução e ilusão.

Essa dicotomia entre mundo ficcional e mundo real se estabelece de forma dialógica, ou seja, um correlacionado ao outro, é como se o mundo real servisse como palco para encenação dos mistérios do mundo ficcional dos personagens dickeanos. No entanto, os personagens do conto se vestem de uma roupagem, ou melhor, de máscaras para poderem representar e encenar o seu papel numa forma de criticar o mundo moderno que não passa de uma amostragem superficial e sedutora e, além, um mundo inconstante em que tudo muda de forma acelerada. Assim, Marshall Berman (1986), quando discute sobre a modernidade traz as seguintes considerações:

> Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo

> ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1986, p.14).

É como se os personagens vivessem numa ameaça em que tudo caminhava para a desintegração em que era "trágica" a sua verdadeira condição de enclausuramento a qual ninguém poderia salvá-los daquela sina. "Somos quem somos, aqui ninguém pode saber quem somos, nem os de dentro nem os de fora, ninguém, somos quem somos e basta. Circo e carnaval eternamente e é tudo" (DICKE, 2006, p.39). Dessa forma, tanto o mundo como sua forma de vida eram algo de que ninguém poderia se libertar.

Com a frase: "Circo e carnaval e é tudo" podemos estabelecer mais algumas relações. Como já foi mostrado no primeiro capítulo sobre o ponto de fuga dos assaltantes do garimpo "Esquecido", que foi exatamente de uma festa de carnaval num circo, lugar onde acontecem todas as peripécias para ocorrer o assalto, que a "encenação" começa a ser interpretada. A junção dessas duas formas de expressão cultural, "circo" e "carnaval", espaço em que os personagens, ou pessoas comuns podem esconder suas verdadeiras identidades e viver uma realidade fictícia que somente através desses ambientes é possível vivenciá-las. No entanto, desse "circo" e "carnaval", esses personagens jamais puderam sair, ao contrário da experiência que temos destes dois ambientes de representação, pois quem se camufla para poder encenar nestes lugares, vai apenas para extravasar e poder viver outra realidade. Mas a experiência que os personagens dickeanos assumem é como se fosse uma pena que os fadam à morte, "a única certeza de todos os seres". Na verdade, as máscaras, para eles, era um pacto que jamais poderia ser desfeito:

> Foi o jurado, o juramentado e o prometido entre nós, pacto de vida e morte do qual ninguém jamais poderá despactuar enquanto pos aqui estejamos a errar nesta errancia, a não ser Deus, até que cheguemos a bom chegar ao termo da nossa viagem que ninguém profano poderá saber. (DICKE, 2006, p. 17)

São nesses dois ambientes que os personagens são lançados para "representar" o mundo moderno, assumindo outra identidade, para ironizar as coisas fúteis desse século. "... parecia que todos eles tinham só e um só par de olhos a ver o

mundo: e se maravilharam de como compreenderam de repente aquele mundo imbecil" (idem, p. 31).

Levando em consideração os significados que podemos atribuir à palavra "circo", tomo a definição de: recinto circular, dessa definição podemos atribuir mais alguns sentidos à vivência dos seres ficcionais do conto. Transpondo a definição de recinto circular, podemos aplicá-la à vida das personagens lançadas no terror da vida como se estivessem num círculo, sem terem a certeza de um começo, meio e fim lançados nos campos carbonizados, secos e penumbrosos. É como se tudo fosse um grande círculo que corroesse a vida daqueles seres sem dar-lhes sequer uma chance para poder sair daquela angústia. A única válvula de escape estava nos sonhos que tinham de poder desfrutar de suas riquezas em lugares que lhes pareciam agradáveis, e ainda nas doces notas da música *Toada do esquecido*. Isso se encontra em alguns fragmentos da fala do personagem Cavaleiro, rememorando a doce melodia da música, algo que marcou profundamente seu coração, além do desejo que tinha em investir seu dinheiro na compra de livros e em discos de músicas e ter um recanto em algum lugar maravilhoso da Espanha, para desfrutar de suas leituras e músicas e, assim, poder viajar pelo mundo da ficção. Ao longo de sua caminhada, o Cavaleiro tinha em sua companhia um dicionário que usava para designar os signos de algumas palavras e, além dessa função, ainda servia como papel higiênico para limpar-se após suas necessidades. Mesmo que a situação estivesse ruim para todos, ainda havia uma esperança de que a arte poderia resgatá-los do caos de suas vidas.

Neste mesmo contexto penumbroso temos também, os personagens do romance *Os Semelhantes* (2011) lançados no mundo caótico da dúvida, do ódio, da desilusão e da disputa pela riqueza que era extraída dos garimpos de diamantes no distrito da Guia, próximo de Cuiabá-MT, lugar onde a busca por uma pedra de diamante mobiliza todos os conflitos dos personagens na obra. Como nossa proposta é de estabelecer um paralelo entre as duas obras, o conto e o romance, em busca de compreender o jogo das identidades dos personagens dickeanos, vamos nos ater às questões que se assemelham em ambas as obras. Apesar de uma delas ser um conto e o outro ser um romance, nada nos impede de estabelecermos um fio condutor que nos leve a pensar os personagens

enclausurados num descentramento de identidades que se assemelham ao homem do mundo pós-moderno.

O fio condutor, que nos faz ligar essas duas obras são, exatamente, os grandes conflitos internos das personagens trilhando os caminhos e descaminhos, numa luta constante com os seus problemas de existencialidade, frente a um mundo de superficialidades e inconstante. Temos na primeira obra personagens que fogem em busca de refúgio para poderem desfrutar das suas posses, na segunda obra, temos personagens que também estão numa fuga tentando se libertar de algo que os consome diuturnamente, que é a culpa. Nesse caso, temos uma tríade estabelecida que se configura nos sentimentos de dúvida mesclada de esquecimento, medo e culpa. Essa presença é constante nas duas obras. Desse modo, temos personagens que estão na busca de suas identidades a partir de suas próprias experiências de vida, pois são "pessoas comuns", lutando contra os seus próprios medos e procurando entender a si próprios. Na verdade, essa busca pelo entendimento de si é um dos grandes temas do romance pós-moderno, pois o cotidiano e as lutas internas do ser humano tornam-se matéria prima do romance.

Tanto no conto como no romance as ações se desencadeiam baseando-se em decisões dos próprios personagens. São essas decisões que vão determinar as peripécias que cada um deles precisa enfrentar. N'*Os Semelhantes*, como também já foi descrito no primeiro capítulo, as ações dos personagens giram em torno de uma pedra de diamante. É pela posse dela que todos vão ao extremo e lutam mostrando até que ponto o ser humano pode chegar para galgar uma posição social. Assim como no conto, a presença do assassinato também é algo que desencadeia as ações no romance, como também é por causa dele que o personagem Abadia, um dos protagonistas do romance, tem que lidar com o trauma que esse ato deixou como um castigo para o resto de sua vida. Por mais que o crime cometido se tornasse um peso que condenava o criminoso, Abadia tecia argumentos para se desculpar de seu ato e incriminar seu "amigo" Salomão para poder matá-lo por causa da pedra.

> Porque me ameaçaste de morte, Salomão? – murmurou baixinho, olhando para a rede do companheiro, como tentando se desculpar. Achar uma pedra dessas e soltar o pé no mundo? Pra

> quê, Salomão? Eu iria atrás de você, nem que fosse na Síria, onde fosse" (DICKE, 2011, p. 12).

Como não temos a versão de Salomão, apenas deduzimos, por meio das pistas que Abadia nos dá, que Salomão provavelmente iria fugir sozinho com a pedra de diamante. Isso podemos constatar na seguinte fala de Abadia: "Se você se calasse, costurasse essa boca e fosse quieto embora com a pedra, ainda pode ser que você acertava. Mas xingou, ameaçou e permaneceu dois dias. Agora, você já deve saber o que é a morte, meu filho..." (DICKE, 2011, p 12). No entanto, não podemos acreditar categoricamente nessa versão, se realmente era verdadeiro o que Abadia afirmava como desculpa de seu ato. Isso é uma virtude da modernidade, e Berman (1986, p. 20) expressa essa questão da seguinte forma: "Porém, uma das virtudes específicas do modernismo é que ele deixa suas interrogações ecoando no ar, muito tempo depois que os próprios interrogadores, e suas respostas, abandonaram a cena". Desse modo, o leitor se depara com esse enigma dando uma possibilidade de fazer uma leitura que desconfie da versão do assassino.

O que fica claro é que Abadia construiu sua defesa juntando possíveis conjeturas de ameaças que Salomão estava fazendo a ele. Além dessa questão temos outra, que foi de grande relevância para que o assassino praticasse o seu ato. Movido pela inveja, pois foi por meio desse sentimento que ele tira a vida de seu parceiro alegando que com todo aquele dinheiro ele poderia casar-se com Umbelina, o grande amor de sua vida, e ser feliz com ela e com toda aquela riqueza. O que se percebe é que de todas as formas o assassino busca se justificar para legitimar que seu ato foi praticado por razões "nobres", e o que se entende é que ele coloca a sua vontade acima de qualquer princípio moral do ser humano, ou seja, o importante era que ele se sobressaísse bem, mesmo que fosse por meio da desgraça do outro. Sobre essa atmosfera turbulenta do personagem, que configura no homem moderno, Berman (1986) tece as seguintes considerações:

> Essa atmosfera — de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos

> compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma — é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna (BERMAN, 1986, p. 17)

Percebemos que a busca pela posse da pedra preciosa e a presença dela é algo que provoca um esvaziamento dos valores éticos e morais daqueles seres ficcionais que, além de praticar atos desonestos tentam se justificar defendendo a sua postura. Esse tipo de comportamento também se configura como uma característica da modernidade e, nessa perspectiva Berman (1986, p. 20) pontua: "A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades". É justamente nesse vazio que os personagens dickeanos se encontram, buscando se estabelecerem em meio às possibilidades que o seu mundo proporciona. No entanto, por mais que Abadia tentasse se justificar e esconder o seu crime, no romance aparecem elementos que denunciam o seu ato e, além, a presença desse elemento denunciador faz com que o criminoso sinta o frio do medo e da culpa que sempre lhe acompanhava. Assim como temos a presença de um papagaio no conto que vê o mundo com um olhar crítico e denunciador, aqui neste romance temos a presença de uma personagem que se assemelha com aquele, que é o pássaro mãe-da-lua com o seu canto arrepiador: "-Quem foi, foi, foi, foi..." (DICKE, 2011, p. 13), que sempre fazia Abadia rememorar tudo aquilo que ele tanto queria esquecer: seu crime.

Assim como temos em Abadia um personagem que luta para esquecer o seu passado criminoso que a todo o momento é rememorado no silêncio da noite, no canto do pássaro e até mesmo na face da lua, encontramos também essa luta na personagem Ramonita. Uma jovem também de destaque no romance que traz algo que se assemelha ao homem moderno multifacetado e cheio de indagações. Ramonita era uma jovem com grandes problemas internos que em muitos momentos se perdia no silêncio da noite em seu quarto pensando sobre a sua vida solitária e em um grande amor que ela tinha pelo jovem Rosendo, que também era um garimpeiro que passava meses garimpando nos garimpos do Coxipó do Ouro. O que se percebe em todos esses seres ficcionais é que cada um tem uma vida que, de certo modo, os distancia e individualiza uns dos outros. São exatamente os descaminhos que eles precisam trilhar na obscuridão de suas

próprias vidas lutando desesperadamente contra as inquietudes, o medo, a culpa e a dúvida que sempre cercam os seus caminhos. Sobre essa questão, mais uma vez trazemos o que Berman (1986) discute sobre essa luta interna que é travada pelo ser humano da contemporaneidade.

> Em tempos como esses, "o indivíduo ousa individualizar-se". De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente "de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, à autolibertação". (BERMAN,1986, p. 20. grifos do autor)

Essa individualização que Berman discute é exatamente o que detectamos no romance. Isso é algo característico da modernidade, pois ela pode ser pensada como um mundo de indivíduos que por mais que estejam próximos estão individualmente distantes tornando-se pessoas fragmentadas que buscam ter uma auto-identidade. Esse tipo de mudança Giddens (2002, p. 22) considera como profunda, pois,

> O mundo moderno é um "mundo em disparada": não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores (GIDDENS, 2002, p. 22 grifos do autor).

A amplitude e a profundidade dessas mudanças encontramos frequentemente nesses personagens, pois como se percebe, o distanciamento entre si, a frieza e a inquietude desses seres ficcionais é algo de grande destaque em ambas as obras. O que valia para eles eram os bens materiais, algo que estava em primeiro plano em suas vidas, e colocava à prova os seus valores mais íntimos de ser humano, que eram: a dignidade, o respeito, o amor e, entre outros valores morais em relação ao seu próximo.

Essa transposição de valores também se percebe na personagem Ramonita, que aparentemente se apresentava como uma jovem dócil e simples, mas com a presença da pedra de diamante esses valores são sucumbidos pela ambição e pela inveja. É preciso situar neste momento como se deu esse encontro da jovem com a pedra de diamante. Como estamos lidando com os

caminhos e descaminhos dos personagens, eis que o caminho de Ramonita se cruza com o de Abadia que seguia seu destino rumo ao distrito da Guia, lugar onde venderia a pedra para um judeu. Nesse momento entra em cena o personagem Rosendo, o jovem amor de Ramonita, que sabendo do "perigo" que o seu amor corria, na companhia de um assassino, segue pela mesma estrada no encalce de encontrar Ramonita e salvá-la das mãos daquele terrível assassino.

É por meio desse encontro que Ramonita tem contato com a valiosa e discordante pedra de diamante, que faz com que a jovem assuma outra identidade, que não é mais de uma menina ingênua e simples e sim de uma mulher ambiciosa e invejosa. De uma forma um pouco diferenciada da que Abadia fez para adquirir o diamante, Ramonita rouba a pedra do negro e segue também em fuga pela estrada que dava ao distrito da Guia. Uma coisa que liga as mesmas atitudes desses dois personagens era a forma com que eles lidavam com a situação. Do mesmo modo que Abadia buscava justificar o seu ato, a jovem Ramonita também formulava desculpas para justificar o seu roubo. Isso fica claro nas seguintes falas da moça: "Era um assassino e um ladrão. Homem assim mereceria ficar com aquela pedra?" (DICKE, 2011, p. 86). Além dela arranjar justificativas, alegando que ele "era um assassino e um ladrão", ela ainda chama o leitor para colaborar com suas desculpas. O que se percebe é que, pela posse da pedra as personagens sucumbem praticando os mesmos atos tornando-se seres *Semelhantes*, mostrando que o ser humano ao ser exposto a algo que lhe é apreciável, pode se revelar com outro tipo de identidade que coloca em descrédito toda sua trajetória de vida.

Mais uma mudança significativa no comportamento da moça fica exposta no encontro que ela tem com Rosendo, já no distrito da Guia, quando, de forma surpreendente os dois apaixonados estão pela primeira vez frente à frente. A jovem com a posse da pedra acreditava que surpreenderia seu amor e, da mesma forma que Abadia sonhava em desfrutar com sua amada Umbelina, assim Ramonita também tinha planos de viver o resto de sua vida ao lado de Rosendo. Entretanto, nesse momento há um choque de personalidade entre os dois apaixonados, pois se de um lado, a jovem já havia se revelado como usurpadora de algo que não lhe pertencia, Rosendo era um homem que prezava por seus valores morais, que era a honestidade. Não conformada com o posicionamento

de Rosendo a jovem tenta convencê-lo de que tinha feito a coisa certa se justificando: "Mas ele era um assassino, um ladrão, Rosendo... Um preto vagabundo que não merecia esta pedra, um preto bêbado e imundo..." (DICKE, 2011, p. 101).

Entre os dois cria-se uma dualidade de identidades, pois de um lado temos a ambição e a desonestidade prevalecendo por causa de bens materiais e do outro a honestidade e a valorização dos princípios éticos e morais de um ser humano. Numa forma de tentar resgatar os princípios de uma menina honesta e simples, Rosendo faz a seguinte proposta: "Se me queres, joga essa pedra no rio. Se não, fica com ela e nada mais há entre nós. Ou eu ou o diamante, Ramonita" (DICKE, 2011, p. 102). Mas vendo que o coração dela estava mais preso àquela pedra do que em seu amor, ele percebeu que entre os dois não havia possibilidade de ficarem juntos. Essa atitude tomada por Ramonita, de escolher e ficar com a pedra custou-lhe muito caro. Assim como Abadia sentia-se perseguido pelo morto Salomão, Ramonita passou o resto de sua vida perseguida por sua decisão de abrir mão de seu amor por causa de um diamante. Sobre essa questão Berman (1986) tece as seguintes conclusões:

> É uma voz que conhece a dor e o terror, mas acredita na sua capacidade de ser bem-sucedida. Graves perigos estão em toda parte e podem eclodir a qualquer momento, porém nem o ferimento mais profundo pode deter o fluxo e refluxo de sua energia. Irônica e contraditória, polifônica e dialética, essa voz denuncia a vida moderna em nome dos valores que a própria modernidade criou, na esperança — não raro desesperançada — de que as modernidades do amanhã e do dia depois de amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem e a mulher modernos de hoje (BERMAN,1986, p. 22 – 23).

O que Berman discute é bem característico com a atitude que Ramonita tomou, pois foi pensando no *status* e na vida melhor que poderia ter que ela preferiu abrir mão de sua dignidade, honestidade e, também de seu amor por causa de valores materiais. O que fica caracterizado nesta dualidade é que por mais que o ser humano tenha uma personalidade que parece ser digna de respeito, ele pode se revelar de forma tal que causa um espanto, assim como ocorreu entre os dois jovens. Desse modo fica caracterizado que o homem é um ser multifacetado e contraditório, algo que corrobora com as discussões que

levantamos ao longo desse trabalho, sobre as identidades fragmentadas e deslocadas do homem moderno.

No próximo capítulo discutiremos em que medida o espaço transitado pelos personagens contribui para formação, ou construção de suas identidades, além disso, discutir como a complexa relação entre tempo e espaço determina as ações nas duas obras. Que contribuição os espaços transitados pelos personagens no sertão mato-grossense teve na vida enclausurada e indefinida desses seres ficcionais que se assemelha à vida do homem moderno.

CAPÍTULO III - O ESPAÇO MATO-GROSSENSE NUMA DUALIDADE COM O ESPAÇO INTERIOR DE PERSONAGENS FRAGMENTADAS

A realidade histórico-cultural do Estado de Mato Grosso é rica e complexa em sua diversidade. Um Estado grande e com uma diversidade ecológica e geográfica, tendo como parte integrante a Amazônia Legal, além do serrado e o pantanal. A história da ocupação da terra em Mato Grosso inclui como protagonistas os índios, os colonos, os seringueiros, os garimpeiros e todo tipo de forasteiro e aventureiro advindos das mais diversas regiões do país. O processo histórico é, assim, vivenciado por esses personagens que, justamente, são aqueles que lhe atribuem significação. A visão da história mato-grossense é composta pelos eventos significativos ocorridos, principalmente, no século XX e relativos ao desbravamento da área do Estado, seja pela abertura de estradas e rodovias, pela implantação das linhas telegráficas, pela extração da madeira, pela colonização e plantio de culturas agrícolas nas terras florestais, seja pela exploração das atividades de garimpo, bem como pela consequente formação das cidades. São com esses elementos que Ricardo Dicke tematiza suas obras, inserindo personagens, que se assemelham a estes homens comuns, para falar sobre os desbravadores desse Estado tão grande em riquezas naturais e culturais.

A literatura produzida por Ricardo Guilherme Dicke agrega elementos que dizem das riquezas do Estado de Mato Grosso, bem como da hibridização e miscigenação de povos que lutaram para desbravar e povoar estas terras esquecidas. É neste vasto cenário, que Ricardo Dicke traz o homem sertanejo "invadindo" a literatura brasileira e também atuando com uma representação do homem mato-grossense. Nessa perspectiva, Machado (2011) faz as seguintes considerações sobre a escrita dickeana:

> (...) sua escrita testemunha a conscientização necessária ao homem comum, o que faz esta literatura brasileira feita em Mato Grosso repercutir muito das preocupações inerentes à produção ficcional de nosso tempo (MACHADO, 2011, p. 31).

É dentro desse cenário que trouxemos para estudo as duas obras, que tem em sua configuração, a representação do homem comum transitando por espaços corriqueiros, no entanto, para Dicke, esses espaços labirínticos do sertão mato-grossense dizem muito sobre a vida enclausurada de seus personagens. Estes precisam lutar contra os grandes conflitos que nestes lugares são travados, que refletem igualmente seus conflitos interiores.

Nossa proposta neste capítulo é discutir como o espaço mato-grossense, transitado pelos personagens dickeanos, contribui para formação das identidades e o que ele interfere na vivência desses seres ficcionais. Sabemos que em ambas as obras: *Toada do Esquecido e Sinfonia Eqüestre* (2006) e *Os semelhantes* (2011), os espaços descritos estão dentro do Estado de Mato Grosso, e todos saem de terras onde se garimpavam algum tipo de minério precioso para cumprirem sua saga. O garimpo para Ricardo Dicke é representado em sua literatura como algo muito peculiar, pois é desses espaços que ele descreve com muita propriedade sobre a vida tortuosa e difícil de indivíduos que lutavam dando o seu próprio sangue para poder sobreviver, é também nesse espaço que apresenta o lugar do vício, da imundície e da perdição do homem. O que procuramos estabelecer dessa relação entre espaço e personagens, é que o texto literário se torna revelador de um universo geograficamente marcado, mas que dá forma ao pensamento e ao sentimento do homem que preenche o seu mundo fantástico, que faz emergirem sonhos das vivências interiorizadas desses seres. Esses espaços, simbolicamente, estão representando algo que é intrínseco às vivências interiorizadas dos personagens que entram em contraste com a vastidão dos campos secos e penumbrosos do sertão mato-grossense.

Espaço é algo essencial em qualquer narrativa, porque é nele que ocorrem todas as ações dos personagens dentro de uma obra. Sendo assim, o espaço tem uma importância acrescida nas duas obras em estudo, pois nele podemos apreender uma série de princípios que são determinantes na configuração das identidades fragmentadas dos personagens dickeanos. Apesar de ser uma retratação de um espaço situado no Estado de Mato Grosso, nossa reflexão não se restringe apenas em discutir sobre uma leitura literária regionalista. Por mais que este espaço esteja marcado geograficamente, ele transcende, atingindo magnitudes que envolvem a vivência desses seres

ficcionais quando servem como alegorias do homem pós-moderno. Pois, a vastidão dos campos e das estradas desertas, transitadas por estes seres, se configura na vastidão desértica de suas vidas interiores. Por mais que esse espaço no sertão mato-grossense seja transcendental e tenha uma relação intrínseca com a vida interiorizada dos personagens, vale ressaltar que o jogo de transposições centra-se na devastação e destruição, fruto da ação do homem, que vão determinar essa imbricação da vivência dos personagens com o espaço. Desse modo, podemos dizer que o sertão dickeano é o próprio mundo.

Esse mundo apresentado por Ricardo Dicke resgata uma temática central, que pode ser verificável nas duas obras, que é o "sentido da travessia", também, revista por Miguel (2007). Esse sentido pode ser observado em: "A estrada fica para trás, e com ela os tristes campos de árvores queimadas, tudo negro, tudo queimado, nada em pé, só devastação e destruição" (DICKE, 2006, p.55). Isso configura numa ação que deflagra uma situação, em que no curso da vida daqueles indivíduos, tudo estava ficando para trás, e suas vidas estavam entrando em um círculo que lhes encaminhavam para uma profunda reflexão sobre si. Nesse sentido, Cancilieri (2011) faz as seguintes considerações:

> (...) tem em comum a criação de uma atmosfera de fuga em direção ao sublime, uma fuga no meio do nada em busca da difícil realização dos sonhos, uma travessia que embarca, na mais inóspita das regiões, e que deságua, quase sempre, em uma profunda reflexão sobre a condição humana (CANCILIERI, 2011, p. 46).

A devastação e a exploração das terras do sertão mato-grossense, algo muito presente nas narrativas dickeanas, pode ser interpretada como uma metáfora da vida interior do homem frente aos grandes conflitos que este enfrenta na pós-modernidade. Isso, porque a indefinição e a reflexão são questões que acompanham a vida desses seres ficcionais, que lutam pela sobrevivência sendo confrontados com um presente cujas indicações espaciais apontam para um lugar fora do mundo, tornando mais angustiante a sua busca:

> (...) aos solavancos dos piparotes do caminho que singravam e que nem havia no meio das terras negras — e como ia haver

> caminho naquele lugar perdido de todas as rosas-dos-ventos, longe de tudo e de todos? (DICKE, 2006, p.12-3)

Há uma luta inerente em relação à vida desses seres ficcionais que é a busca de respostas e localização no meio "das terras negras", que se configura com a negritude interior desses indivíduos.

Esse caminho, transitado pelos personagens, tem um percurso acompanhado pelo silêncio. Em muitos momentos esse silêncio se confunde com o dos campos carbonizados, trazendo um sertão que revela deserto e horror:

> Nada a não ser desertos, nada mais que desertos, ninhos do silêncio, nada mais que silêncio onde não cai chuva, de onde fogem todos os seres vivos, que Deus não olha, onde vêm aninhar-se apenas as feras fugidas da chamada civilização, os homens como nós, ah, o horror, horror, horror... (Idem, p.120)

Desse modo, o silêncio se apresenta como uma fonte onde nada pode ser produzido, um lugar de que todos querem fugir, mas que na verdade torna-se um reduto para os homens miseráveis. Os desertos se confundem com o deserto da vida interior de cada ser, lugar onde apenas a reflexão pode atingir. No entanto, por mais que eles busquem encontrar um refúgio para amenizar o horror de suas vidas, nos desertos interiores "não cai chuva", algo que poderia fazer renascer a esperança e dar vida àquele ambiente seco e sem vida.

O que podemos perceber, é que o espaço surge como algo que se relaciona com a vida dos personagens lançados numa viagem circular, diante de um impasse sem saída, mas são audaciosos em nunca desistir de lutar. Nessa perspectiva, Machado (2008) faz os seguintes comentários:

> Aqui o horizonte esgarça consciências enquanto o silêncio congrega angústias, miúdas a princípio, insuportáveis quando instaladas, porque reveladoras. Dicke, com seus personagens instiga a ausculta, a busca incessante, negando o tradicional, eles despertam para uma restauração de si mesmos, dando abertura para uma compreensão mais ampla (MACHADO, 2008).

Pensando desta maneira, quanto mais os personagens se aprofundavam na amplitude dos horizontes dos campos carbonizados, mais esses horizontes tinham algo profundo a revelar. É como essa viagem, pelos campos desérticos,

fosse uma viagem de intromissão da vida desses personagens, em que a cada passo dado, esses seres se descobriam, mas ainda prevalecia a angústia para descobrir algo a mais. Sobre essa intromissão do espaço com a vivência dos personagens, Bachelard (1993), discutindo sobre a dialética do interior e do exterior, assim se expressa:

> O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixá-lo, queremos transcender todas as situações para dar uma situação de todas as situações. Confrontamos então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades (BACHELARD, 1993, p. 216).

A busca dos personagens, nesse espaço nevrálgico, é algo que funde esse ser com o ser do mundo, no entanto, essa junção não é suficiente para que esse indivíduo consiga se estabelecer e ter uma referência sólida que defina a si mesmo dentro desse espaço. Isso, porque o velho horizonte angustiante torna-se um horizonte de debates que, por mais que haja essa busca, ela conduz a nenhuma saída que não seja a incomunicabilidade, a solidão e o esquecimento. Essa saída só se torna difícil porque o ser do homem é desfixado, e a única válvula de escape estaria no espaço dos sonhos. Contudo, ao longo da estrada esburacada, esses sonhos vão se perdendo assim como o ouro e as doces notas da canção *Toada do Esquecido.* Sobre isto, Machado (2008) tece os seguintes comentários:

> Sucumbem o Cavaleiro, Palinuro, mestre Gepetto, Elpenor, Zabud e por fim El Diablo não sem antes usufruírem do encanto da Toada do Esquecido, marco divisor na narrativa. Esta, só se torna possível em meio ao silêncio enquanto abertura para aquilo que os próprios personagens são. No ponto de maior tensão/emoção do conto, o esquecimento extravasa na canção desde o título, na repetição do termo e nas suas variantes: ora é o "país do Esquecimento", ora é o "Esquecimento esquecido"; "eternamente olvidado"; "vago no país do Olvido"; "esquecimentos eternais"; "Esquecimento vazio". Todas as expressões definem um sentimento de quem – no silêncio – se depara com a insignificância de seu ser; o anonimato de quem se refugia à beira de um horizonte de dores e por isso mesmo propenso a percorrer com as pupilas tristes, o rumor do rio de experiências quando se morre aglomerando felicidades e danos (MACHADO, 2008).

Esse cenário enriquece e intensifica a obra de Dicke, suscitando no sentido de que favorece a reflexão existencial dos personagens que, dentro de um cenário opressivo e violento, o autor mergulha na condição efêmera do homem que luta nesses espaços, contra tudo aquilo que mais lhe coroe: o "esquecimento". Dentro desse espaço, que tem como essência os horizontes esquecidos, os personagens precisam lidar com esse ambiente oprimente e inóspito que parece rir de suas condições de enclausuramento. Podemos perceber essa questão, explícita nesse excerto da obra:

> Ao longe, os horizontes carbonizados parecem lançar um infinito uivo circular de imenso calor, hórrido e seco, abandonada boca que guaia e se ri de tudo zombeteiramente. Nenhuma árvore em todo o perímetro até a boca dos horizontes que uivam. Eles ouvem esse uivo e se calam no seu coração. Tudo queimado. Têm medo não dessa terra queimada, mas dos homens que a queimaram, que levaram sua madeira para ninguém sabe onde, que assassinaram esta terra órfã de tudo. (DICKE, 2006, p. 18)

O ambiente se apresenta como um castigo angustiante e circular, que por mais que os personagens tentem se livrar dele, continuarão numa saga sem começo, meio ou fim, resultando, apenas, no silêncio de seus corações enegrecidos e também sem vida. Portanto, o sertão que outrora era habitado pelos pássaros e pelas árvores, que davam vida àquele ambiente, agora aparece desvigorado, assim como o "sertão" interior de suas vidas cheias de lacunas que não poderiam ser preenchidos. Assim, Machado (2008) esclarece:

> Tomemos o horizonte na obra de Ricardo Dicke como o inesperado que não se descobrirá, pois indescobrível e inacessível. O horizonte, uma imagem que se repete; visão para poucos dispostos à contemplação, o limiar entre o olhar e a indiferença é tênue. Em *Toada do Esquecido* essa imagem seduz como paisagens que vão se sucedendo mas sem chegar a um final esperado. Aqui os horizontes uivam pela terra queimada e pela morte iminente. Por vezes, os horizontes de curva perfeita se perfazem numa circunvizinhança de silêncio típico de quem se coloca de prontidão ao desconhecido como é o caso dos personagens mascarados em fuga (MACHADO, 2008)

A imensidão dos horizontes carbonizados, bem como da vida interior desses seres ficcionais, se configuram naquilo que Bachelard (1993) discute em

um capítulo de seu ensaio sobre *A poética do espaço*, no que se refere a "A imensidão intima". Neste capítulo o filósofo pontua:

> A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna a solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo. (BACHELARD, 1993, p. 190)

Sendo assim, a imensidão é algo que está intrinsecamente ligada à vida do homem. Desse modo, ela funciona como uma saída para que o homem viva um "devaneio", que pode ser caracterizado como tranquilo, ou também pode ser considerado caótico, assim como na vida dos personagens dickeanos.

Ao discutir as identidades dos personagens dickeanos relacionando-as ao espaço em que ocorrem as ações, percebemos que essa relação é determinante na vida desses seres ficcionais. Na verdade, toda descrição minuciosa que Dicke faz dos espaços e dos acontecimentos que neles ocorrem, pode ser vista como um prenúncio do que aconteceria na vida de seus personagens solitários. Desde o início do conto, temos descrições de ambientes que parecem ser palpáveis e sentidos pelo leitor. Desse modo, podemos compreender, que pelo fato dos personagens serem perseguidos o tempo todo pelas moscas por causa do cheiro horrível de fezes, essa descrição surge como um prenúncio de que o final de tudo aquilo resultaria em desgraças. "Carregavam consigo um cheiro horrível de merda que ninguém vence, de onde virá? As moscas ficaram para trás, ou será que os acompanham?" (DICKE, 2006, p. 45). A imensidão dos campos, a devastação, a sequidão e falta de vida nestes espaços, se configuram com a imensidão interior mal resolvida desses personagens.

A demarcação dos espaços transitados pelos personagens dickeanos é algo muito marcante na narrativa de Ricardo Dicke. Tanto em "Toada do Esquecido" como N'*Os Semelhantes* temos esses espaços bem marcados, inclusive nomeados. Um exemplo dessa marcação está neste excerto:

> De manhã despertam-se, olham em torno estatelados, arregalados, vêem cruzes, dormiram sobre um cemitério, mas eles não tem tempo de ter medo: (...) – Alguém ou alguéns que levaram tiros, caíram tratores em cima, tombaram árvores por riba, morreram, definitivamente morreu ou morreram, pronto, é o fim do mundo! – Cemitério dessa vila, *A Moringa*. – Deve ser (idem, p.74). *Rio Guaporé, Chapada dos Parecis, Mato-grosso, Vila Bela* (idem, p. 57, grifos nosso).

O que podemos perceber é que, com essas descrições, o ambiente lúgubre no qual os personagens estão, já nos dá a ideia de que a morte é algo eminente, portanto, essa também é uma das grandes lutas travada por esses indivíduos.

Essa percepção de que a morte é algo presente em suas trajetórias, faz com que os personagens sofram mais ainda, causando em alguns momentos alucinações. Percebemos isto na fala do Cavaleiro quando diz: "Estou em êxtase. Vocês não sabem o que é êxtase. Vejo flores, e Deus no meio das flores, flores que se estendem de um lado do horizonte a outro..."(idem, p.60). Nesse trecho, temos uma imagem nítida de um funeral, em que, mais adiante, esse episódio se passaria na vida do Cavaleiro, diferentemente como ele o via em seu momento de êxtase, pois todos que morreram ao longo dessa viagem circular não tiveram as honrarias de um funeral. A solidão e o esquecimento, para eles, eram algo que mesmo depois de mortos, os perseguiam e atormentavam. Nestes termos, Machado (2008) avalia:

> Na solidão os personagens experimentam uma nova maneira de enxergar a vida. Sozinhos onde os horizontes se perdem e eles perdidos do mundo, desencontrados com seu interior não mais atribuem sentido às horas do relógio, sequer ao ouro que carregam como um peso a mais em suas vidas (MACHADO, 2008).

Dentro deste mesmo contexto espacial temos em *Os semelhantes* (2011), uma busca que se configura no sentido da travessia, também revisto no conto, em que essa trajetória é feita pelas estradas entre os garimpos do Coxipó do Ouro e o distrito da Guia. A demarcação espacial nesse romance é algo muito marcante na narrativa. Assim como no conto, os espaços neste romance interferem diretamente na vida dos personagens que transitam nesta obra. N'*Os Semelhantes* os emaranhados da história se dão em torno de uma valiosa pedra

de diamante, garimpada por Salomão, e é pela posse dela que os personagens são tragados pelos seus sentimentos interiores que expurgam as suas verdadeiras personalidades. Nessa luta pela posse, o que se percebe é que o espaço externo traga os personagens tornando-os presas de si mesmos. Assim como eles procuravam riquezas nas profundezas dos garimpos, essa procura também pode ser relacionada com a perscrutação interior desses seres ficcionais na busca por uma ordenação de seus pensamentos.

Como descrevemos anteriormente, sobre a demarcação espacial, temos como ponto de referência nesse romance os garimpos do Coxipó do Ouro, lugar onde Abadia trabalhava junto com o turco Salomão, e era por estes garimpos que Rosendo, o amor de Ramonita, também trabalhava. Além desses lugares, temos o vilarejo de Aguassu, o rio, que leva o mesmo nome do vilarejo, o distrito da Guia e a capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, lugar onde desfecha os emaranhados do enredo. Assim como em "Toada do Esquecido", o espaço em *Os semelhantes* se apresenta ao leitor como palpável, não só pelas descrições de lugares existentes em nosso Estado, mas também pela descrição das pequenas coisas como: as vilas, os quintais com o cheiro de flores e de frutas "o cheiro suave dos cajueiros que o ar refrescava perdurou, vindo do fundo do quintal" (DICKE, 2011, p.21), as casas e os quartos, lugar onde acontecem as maiores revelações interiores dos personagens dickeanos. É nessa dualidade entre o espaço exterior e interior, que são travadas as maiores lutas desses indivíduos à procura de amenizar o sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, em busca de satisfazer o seu ego, algo que coloca em xeque seus valores éticos e morais.

Assim como temos em "Toada do Esquecido", a presença marcante dos vastos campos carbonizados e secos, esse espaço N'*Os semelhantes* se apresenta nas terras de garimpos, na vastidão das águas do rio Aguassu e também na interioridade do quarto de cada personagem. O macro-espaço tem uma relação muito próxima com o micro-espaço em que os personagens se encontram, e são desses espaços que eles saem para viver uma aventura acompanhada de amargura, solidão, ódio e medo. A junção desse espaço com limites geográficos, torna-se ilimitada quando entra em fusão com o da vida desses seres ficcionais, pois nessa imbricação, o espaço que é regional passa a

ter uma representação simbólica na vida dos personagens. Assim, Miguel (2009) explica:

> Na criação da realidade ficcional, os limites da região mato-grossense se perdem como dado local, pois os personagens são transladados para o imaginário da imensidão do universo, impingindo, assim, ao espaço, facetas universais e integradas na concepção do imaginário que descende do mito. O espaço local é trabalhado na construção de uma dimensão ambígua que procura o equilíbrio entre o geográfico e o simbólico, tornando-se, assim, o patamar sobre o qual se assentam as angústias, as dúvidas e os desejos secretos dos homens ao experimentarem situações-limite conflitivas, que impulsionam e exigem decisões de enfrentamento (MIGUEL, 2009, p. 130).

Essa descrição de Miguel, sobre os limites espaciais se perdendo como dado local e se configurando com as "situações-limite" do homem, algo que impulsiona o indivíduo a tomar "decisões de enfrentamento", é cabível aos personagens do romance. Pois, o que move os personagens são as situações conflitivas que, ao estarem em seus limites, tomam decisões que os levam a praticar ações em que terão que lidar o resto de suas vidas com a solidão, a angústia e o medo. Essas características estão presentes tanto no personagem Abadia, o primeiro protagonista do romance, como na jovem Ramonita, outra protagonista de grandes ações dentro da obra. O espaço onde ocorrem as ações é algo muito marcante para os personagens, pois em muitas ocasiões é ele que traz à memória dos protagonistas tudo aquilo que eles queriam esquecer. Um exemplo dessa situação é visível quando Abadia, atormentado pelo silêncio da noite em seu quarto, resolve ir até o rio para ver como estava Salomão, e a cena que ele vê fica gravada em sua memória para o resto de sua vida. Essa imagem é tão marcante, que o protagonista passa a ver o rosto do defunto em todos os lugares, até mesmo na lua.

> Assim era a cara do turco Salomão Tufic, vinte anos atrás, sem modificar uma ruga, um nada, com seu eterno sorriso de zombaria. Já se lhe acabaram os ossos nas pedras e, contudo, como sua cara ri dentro da lua! (DICKE, 2011, p. 120-1)

Uma questão interessante de se notar é que, a maioria das ações são desencadeadas em ambientes de interioridade, como a exemplo, é no quarto do

personagem, que surge o desejo de saber como estava o defunto, quem sabe, ele vendo o morto amenizaria a sua angústia. É também na interioridade de seu quarto, que Abadia começa a prestar atenção em pequenas coisas.

> Reparou em grilos que canturinhavam em todos os vãos. Nunca antes havia reparado neles. E mosquitos, o zumbir nos ouvidos, picando no rosto, nos braços, aumentavam a sua nervosia. Ficou desejando ouvir rumor de cidade habitada de gente, com seus moradores, galos cantando pelos quintais, cachorros latindo de longe em longe, som de sinos de igreja com coisas santas... Nada disso, só o chiriri das águas nos cascalhos e o roçar das folhas do angicão do pé do acampamento. O resto nada, esse silêncio que parecia cair das estrelas, como um castigo (Idem, p. 13).

Sobre essa percepção de coisas efêmeras, insignificantes, dos cantos, dos restos e de tudo que não tem valor, Leila Perrone-Moisés (2012), discute que isto é um tipo de "literatura exigente", pois os autores desse tipo de literatura têm uma percepção muito fina, para captar, desses pequenos espaços grandes reflexões sobre o homem pós-moderno. É no interior do quarto, em meio ao silêncio, que o protagonista busca referências em outros lugares, habitados por pessoas, para tentar se livrar do medo e da angústia de seu crime. Nesta perspectiva Bachelard (1993, p.26), escreve: "a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos". Se relacionarmos o desejo de Abadia com o dos personagens de "Toada do Esquecido", vemos que há uma diferença muito grande. Enquanto ele gostaria de "ouvir rumor da cidade habitada de gente", nos personagens do conto esse desejo é diferente, pois eles querem, a todo custo, fugir por estradas desertas, longe de tudo e de todos, com medo de se misturarem com a civilização.

Ainda discutindo sobre os espaços pequenos, temos uma relação muito marcante desse tipo de espaço, com a personagem Ramonita. É também na interioridade de seu quarto, que a jovem se vê perdida dentro dos turbilhões de pensamentos que emergem de seu interior. Por ser uma jovem solitária, era em seu quarto que ela projetava e alimentava o amor que sentia por Rosendo, que mesmo distante, sempre estava presente em sua memória. Em meio à solidão e o silêncio da noite, a jovem se apega a pensar sobre as coisas da vida e aspira:

> Ah, ao menos ela dormisse, sonhasse mesmo com as coisas estranhas e desconhecidas que ninguém sabe onde penetram nos sonhos, vindas com o acalanto do rio longínquo entre as pedras e o murmúrio dos horizontes. A noite cheia de ecos. Fosse a primeira vez que ela a via, que a imaginava parada no seu limiar, como uma sacerdotisa ou uma deusa, os acontecimentos que se passavam muito longe, em volta dum menino quase moço que ela chamava de seu homem. (DICKE, 2011, p. 33).

É do quarto que Ramonita, em seu momento de introspecção, ouve algo que lhe chama a atenção e a deixa curiosa. "Quem me chama? – Indagou ela, ouvindo o seu nome nos sopros suaves" (idem, p. 33). Nesse momento parece que a jovem entra em um estado de alucinação, algo que mistura os "sopros suaves" da noite com o redemoinho de seu interior caótico e mal resolvido. Sobre essa questão o filósofo Bachelard (1993) discute:

> Em tais devaneios que invade o homem que medita, os pormenores apagam-se, o pitoresco desbota-se, a hora já não soa e o espaço estende-se sem limites. A tais devaneios podemos muito bem dar o nome de devaneios de infinito. (BACHELARD, 1993, p. 194)

É neste estado de devaneio, que um elemento da natureza também entra em cena, na verdade, ele é algo emblemático no romance e é nele que estão guardados os maiores segredos dos personagens D'*Os Semelhantes*. Esse elemento é o rio, peça de grande relevância, assim como a pedra de diamante. Neste grau de importância, até nome próprio ele tem: Rio Aguassu, um ser que leva em suas águas e nas suas pedras grandes segredos.

> O rio se fazia e ela descia já pelos barrancos que o ladeavam, sob um chavascal de cambaúvas. Não seria a voz do rio? Seu coro de muitas vozes, um sono afogado, de sussurros roucos, como em queixa, um chorar desfalecido cruzando a noite com o luar em seu dorso, mole e profunda garupa com sela de ouro e prata, nas margens das vertentes o sombrio dos marmeladeiros. Tanta solidão nestes sons de mágoa, de onde vem? Que voz é esta do rio e o que ele fala? Que habitantes terá ele além dos peixes? Seus pés roçava um folhoso negro, percebeu o cheiro suava dos agriões que refresca o ar. No alto, os buritis estavam quietos. Grilos saudavam fimfimviolinos. Haviam pedras nas

> embocaduras. Segredos de pedra naquelas pedras. (idem, p. 33-4).

Do mesmo modo, temos em "Toada do Esquecido" indagações que evolvem as águas do rio.

> O rio corre, e eles tentam decifrar o enigma do seu correr, do idioma que forma sua voz de águas sempre correndo, atravessando a noite, atravessando a eternidade. (...) A vida passa e parece não deixar rastros neste areial chamado destino... (DICKE, 2006, p. 64)

O rio é testemunha de todas as atrocidades dos personagens, é nele que Abadia lançou o corpo de seu rival, como também é nele que as mulheres de Aguassu, inclusive Ramonita iam para lavar as roupas sujas. O rio serve como purificador e um guardador de longínquos segredos, no entanto, ao mesmo tempo em que ele expurga a sujeira, ele também traga os personagens, trazendo em suas águas, lembranças que queriam ser esquecidas. Nessa dualidade vemos que, por mais que os personagens tentem se interiorizar dentro de seus aposentos, num lugar de "refúgio", como defende Bachelard (1993), eles não conseguem dominar suas inquietações, algo que faz com que o espaço exterior exponha os sentimentos que esses personagens gostariam que ficassem guardados, apenas com eles. Esses espaços citados, tanto em "Toada do Esquecido" como N'*Os Semelhantes* se configuram com o mundo interior desses seres ficcionais multifacetados, fragmentados e deslocados que não conseguem se organizar emocionalmente.

Do mesmo modo que o rio é testemunha do latrocínio de Abadia, ele também testemunhou o roubo de Ramonita, na noite em que ambos os personagens estavam juntos, à beira da ponte, onde os boiadeiros descansavam com suas boiadas, já próximos de Nossa Senhora da Guia.

> O rio, a poucos passos, corria largo, espumante, inchado das escuras águas, como um enorme réptil preguiçoso, rumorejando. O lugar era, com razão, lúgubre. (...). Além do descer do rio em sua surda música, descortinava-se um silêncio impressionante, quebrado só pelo pio espaçoso dum murucututu escondido nos

> vãos do alto madeirame, que causava calafrios e murmúrios no preto. (DICKE, 2011, p. 63-4).

Na verdade, não tinha como não ser um lugar lúgubre, pois suas margens sempre foram banhadas pelo sangue de alguém. E, tudo por causa de uma pedra de diamante, que além de ser roubada, também roubava aquilo que era de mais precioso dos homens: o caráter. Assim como o rio era explorado para dar suas riquezas, ele também extraía a riqueza interior dos homens. "(...), dia a mais, dia a menos, arrancaria das grupiarias o seu diamante, o seu, esperança que a todo corajoso homem trabalhador o rio dá" (idem, p. 72).

Em meio a esses espaços, a pedra transforma-se numa espécie de círculo, passando de mão em mão, assim como a vida dos personagens de "Toada do Esquecido", viajando em torno dos campos carbonizados. No romance, o diamante se apresenta como um talismã que, ao invés de trazer felicidade, rouba essa virtude trazendo contendas, intrigas, ódio e solidão, algo que transformou a dócil jovem Ramonita em uma mulher invejosa, avarenta e desonesta. Isso vai ao encontro daquilo que Miguel (2009) pontua, sobre a "situação-limite" do homem, que é exatamente nesse ponto que os personagens partem para o enfrentamento, colocando abaixo os seus valores éticos e morais e elevando suas posses como algo primordial.

Assim como os personagens de "Toada do Esquecido" enfrentavam problemas para se situarem no espaço em transe, os personagens d'*os Semelhantes*, também enfrentaram. Um exemplo disso está na fuga de Ramonita, após roubar o diamante de Abadia, quando se depara em uma encruzilhada na sua estrada.

> Chegou a uma encruzilhada e não se dava conta de para onde ia nenhum dos caminhos. Vinha cheiro de queimadas pelo campo. Escolheu uma delas e, no mesmo passo de sempre, desapareceu nas penumbras embaçadas. Escolheu uma delas, sem pensar muito. (DICKE, 2011, p. 77)

A mesma situação temos em "Toada do Esquecido":

> (...) dirigindo a Kombi velha seguida por uma nuvem de moscas verdes, anda e andam, sempre os mesmo campos carbonizados

> e queimados, eriçados de tocos pretos, onde não há vida, pára o carro numa encruzilhada deserta onde a estrada velha encontra-se com o asfalto, a direção vai para Goiás e Belém, a outra volta para Cuiabá, e a terceira se abre para Porto Velho. (...) Para onde vamos, senhores? Vamos voltar, pegue a estrada para Vila Bela – diz o Cavaleiro. (DICKE, 2006, p. 54)

A encruzilhada aparece como uma esfinge que coloca à prova a inteligência e a sagacidade dos personagens, que precisam decifrar o enigma para poderem prosseguir viagem. Nessa perspectiva Pucheu (2004) discute:

> Na encruzilhada, nenhum dos termos se manifesta enquanto mediação, ainda que ínfima, justamente porque a encruzilhada é o apagamento dos termos em suas diferenças exclusivamente individuais, em suas especificidade declaradas, em suas mediações para vida; nela, até mesmo os hífens, distanciamentos e aproximações simultâneos, devem desaparecer. Na encruzilhada, corpo, literatura e vida não manifestam nenhum próprio individual – é o impróprio que ela faz aparecer. (PUCHEU, 2009, p. 226)

Desse modo, a encruzilhada leva o indivíduo a um dilema, no qual, à sua frente não temos a certeza do que fazer e de qual caminho tomar. Na verdade, é esse sentido de incerteza que assalta a vida desses seres ficcionais, tornando mais tortuosas as suas vidas.

Em meio a todo esse turbilhão de coisas, que coloca em risco a vida de todos os personagens de ambas as obras, os espaços sempre revelam algo significativo para a vida desses indivíduos. Da mesma forma que o rio é um ser que acompanha a vida tortuosa dos personagens dickeanos, a presença da noite também é algo que traz grandes momentos de reflexão, principalmente na velhice dessas *personas narrativas*. Algo interessante na vida dos personagens do romance é que, por mais que o tempo passe, e que cada um tome um rumo diferente para suas vidas, eles sempre estão perto do rio. Isso significa que o rio se configura como o peso da consciência daqueles seres individualizados, que sempre estará ali com sua voz enigmática, rememorando o passado desses personagens.

Portanto, o que podemos apreender desses espaços, demarcados e conhecidos geograficamente, é que é com eles que Ricardo Dicke esmera para dizer do homem comum com seus múltiplos problemas no mundo pós-moderno.

Assim, Machado (2011, p. 50) resume: "Acima de tudo, é notável o quanto o ser humano aprende de si na complexidade de cada questão levantada sem a soberba da resposta única".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a interpretação do corpo textual das obras dickeanas, "Toada do Esquecido" e *Os semelhantes*, acreditamos que elas abarcam uma amostra da qualidade poética do autor e, chegamos a algumas importantes considerações, que nos serviram para definirmos os resultados desse estudo. Para nos auxiliar ao longo de nosso estudo, levamos em consideração alguns teóricos que nos ajudaram a fazer uma leitura analítica das obras, com o intuito de compreendermos *A busca das identidades dos personagens em: Toada do esquecido e Os semelhantes de Ricardo Guilherme Dicke.* Assim, cabe agora, neste momento final, tecermos alguns comentários daquilo que conseguimos apreender e compreender ao longo de nosso trabalho.

Como sabemos, Ricardo Guilherme Dicke é um escritor mato-grossense, considerado pela crítica literária como o maior prosador do Estado de Mato Grosso dos últimos tempos. Sua produção exige uma leitura cuidadosa, pois o escritor além de abordar questões voltadas para representação social, sua escrita traz profundas reflexões existenciais e filosóficas que carecem uma leitura minuciosa. Por tais razões sua literatura vem sendo motivo de muitos estudos, trazendo diversas visões e pontos de vista, enriquecendo a fortuna crítica desse autor.

Em nossa proposta de leitura, elegemos as personagens como figuras principais para compreender o jogo das identidades nesses seres fictícios, lançados nas agruras dos campos carbonizados lutando contra um mundo caótico e de fantasias. Para tal estudo, levamos em consideração o espaço mato-grossense como uma figura simbólica, relacionado diretamente com a vivência dos personagens num dilema entre a dúvida e o esquecimento, desnudando os silêncios dos sertões que queimam silenciosos e esquecidos pelos homens, um diálogo com um mundo de onde nunca se tem volta. É neste espaço que são travadas as maiores lutas e revelações de indivíduos que tentam se esconder de seus atos, no entanto, a todo o momento esse espaço inóspito, rememora tudo aquilo que quer ser esquecido.

Enfatizando essa dualidade entre espaço e personagens, descobrimos que ambos estão entrelaçados num texto em que se explica a luta que é travada a todo o momento, por sujeitos que tentam justificar os seus atos, passando por cima de qualquer valor ético e moral. Porém, os seus atos são postos como uma sentença que todos precisam carregar para o resto de suas vidas, tendo apenas a certeza de que a morte chegaria para todos. Daí resulta os conflitos internos mal resolvidos desses seres ficcionais, algo correlacionado ao comportamento do homem na pós-modernidade. Essa relação se torna possível porque o homem pós-moderno é movido pelo desejo de mudança, de autotransformação e de transformação do mundo em redor, e pelo terror da desorientação e da desintegração, essa busca torna-se constante na vida desse ser.

Assim, nosso trabalho não visa encontrar respostas para os problemas do homem pós-moderno. Nosso objetivo é mostrar como Ricardo Dicke, de forma poética, aborda essas questões em suas obras, usando seres ficcionais como uma representação dos problemas sociais enfrentados por nossa sociedade. São vozes que representam o dilema da vida humana fragmentada, descentrada e deslocada que sempre estará numa busca efervescente, por algo que lhe complete e a defina. Isso não resolverá as contradições que impregnam a vida moderna, mas auxiliará a compreendê-las, para que possamos ser claros e serenos ao avaliar e enfrentar as forças que nos fazem ser o que somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CANCILIERI, Max Francis Fernandes. **As vozes sociais e poder das personagens das novelas Dickeanas.** Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASTRO, Manuel Antônio de. (org.). **A construção poética do real.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade.** Tradução de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Os semelhantes.** Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2011.

_____. **Toda do Esquecido e Sinfonia Eqüestre.** Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2006.

_____. **Madona dos Páramos.** Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____.**As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidades Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução de Alfredo Margarido. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MACHADO, Madalena. **A modernidade de Contos Novos**: *um herói em formação*. São Paulo: Arte e Ciência, 2012.

_____. **A tessitura de um esquecimento, o romper de um horizonte**, in XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, Universidade de São Paulo, 13 a 17 de Julho, 2008 (disponível em http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/007/MADALENA_%20MACHADO.pdf [23-VIII-2010])

MACHADO, Madalena, MAQUÊA, Vera (org.). **Dos labirintos e das águas**: entre Barros e Dicke. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2009.

MESQUITA, Samira Nahid de. **Enredo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MIGUEL, Gilvone Furtado. **O Imaginário Mato-grossense nos Romances de Ricardo Guilherme Dicke.** Tese de Doutorado em Letras e Linguística, Goiânia, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, 2007.

_____. **Mito e ficção**: A imagem do *Paraíso* nos romances de Ricardo Guilherme Dicke. In Dos labirintos e das águas: entre Barros e Dickes. Cáceres-MT. Editora Unemat, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **A literatura exigente.** Os livros que não dão moleza ao leitor. São Paulo: Folha de S. Paulo- Ilustríssima, 2012.

PINTO, Aroldo José Abreu, MACHADO, Madalena, VILALVA, Walnice (org.). "Poder e Distinção em Dicke". In **Nas dobras do mundo, a Literatura acontece**. São Paulo: Arte e Ciência, 2011.

PUCHEU, Alberto. "Literatura, para que serve?" In. **A construção poética do real**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.